

O OUTEIRO RUPESTRE DA BOTELHINHA – PEGARINHOS (ALIJÓ): REGISTO E ANÁLISE DO CONJUNTO DE ROCHAS GRAVADAS

Alexandre Lima*

RESUMO:

Este texto é um estudo monográfico do conjunto de rochas gravadas do Outeiro da Botelhinha, em Pegarinhos, concelho de Alijó (Trás-os-Montes). A par da descrição e análise de todas as rochas, são ensaiadas interpretações deste sítio como “lugar” no sentido antropológico do termo. É ainda discutida a criação e temporalidade do Outeiro da Botelhinha, cujo início, marcado pela tipologia e organização especial das gravuras, é colocado no Calcolítico regional (3^o mil. AC). É ainda de realçar a sua utilização no tempo longo, particularmente na Idade Média (e eventualmente na época moderna), o que configura um palimpsesto de usos e simultaneamente a assinalável importância social e simbólica do Outeiro ao longo dos tempos.

Palavras-chave: Arte rupestre, Gravuras, Lugar, Calcolítico, Idade Média

ABSTRACT:

The text presented here is the monographic study of the carved rocks of Outeiro da Botelhinha, Pegarinhos (Alijó, Trás-os-Montes). At the same time some interpretations are advanced for Outeiro as “a Place” and for the timelines and temporalities of the creation and use of that place during the regional Chalcolithic period (3 mil. BC). However, some of the carved motifs show us that also in later times (Medieval Age, Modern Age...) Outeiro da Botelhinha continued to enjoy great political/symbolic and socio-economic importance in the region of Trás-os-Montes (NW Iberian Peninsula).

Key-words: Rock art, Engravings, Place, Chalcolithic, Middle Age

1. INTRODUÇÃO

O trabalho que agora se apresenta é o resultado do primeiro estudo realizado no Outeiro Rupestre da Botelhinha (Pegarinhos, concelho de Alijó). Trata-se de uma estação de ar livre com vários afloramentos graníticos gravados com diversos motivos, de variadas tipologias, que importou registar e analisar, segundo as novas abordagens que actualmente se fazem em arte rupestre.

* Arqueólogo. Licenciado em Arqueologia pela Faculdade de Letras da UP, email: alexandremiguel.lima@iol.pt.

O conjunto foi conhecido junto da população de Pegarinhos¹ e através de breves referências bibliográficas (ALMEIDA *et. al.*, 1997, p. 15-24; SOUSA & PEREIRA, 1988), mas nunca fora objecto de um levantamento sistemático rigoroso e como tal houve a necessidade de colmatar as lacunas de conhecimento em torno do mesmo. E assim surgiu o Projecto ESPMARP, Estudo, Preservação e Musealização da Arte Rupestre de Pegarinhos, apresentado ao então Instituto Português de Arqueologia em 2002, integrado nas candidaturas ao Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos (PNTA) desse ano².

Ao iniciarmos este estudo sobre o Outeiro Rupestre da Botelhinha, objectivamos atingir, nesta fase, um nível de entendimento baseado essencialmente no registo dos motivos gravados, de modo a possibilitar a comparação, a prazo, entre o nosso estudo e aqueles já realizados ou a realizar, sobretudo ao nível regional. Por ora, neste texto, apresentamos os resultados obtidos durante as campanhas realizadas.

2. LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO GEOMORFOLÓGICA

A estação da Botelhinha localiza-se num pequeno outeiro ligeiramente aplanado, situado a meia encosta, de um amplo anfiteatro natural voltado para o vale do Regato do Souto, este alimentado pelos diversos ribeiros que nascem na encosta setentrional do Alto da Regaleira (Figuras 1 e 2).

O sítio está topograficamente inserido na paisagem envolvente, a uma cota de 640 metros de altitude absoluta, segundo as coordenadas geográficas 41°20'35''N, 07°26'55'' (Datum Europeu 1950), obtidas através de um aparelho GPS.

Do ponto de vista geomorfológico a estação insere-se na Sub-região Natural da Padrela, à qual correspondem superfícies graníticas aplanadas ou de encostas suaves a moderadas, alterando com outras mais penhascosas, inclinando-se gradualmente para sul até ao contacto com a plataforma de xistos e grauaques da região duriense (COBA, 1991, 29). Ocorrem granitos alcalinos de grão médio, caracterizados por amplas massas rochosas, por vezes sobre a forma de batólitos. No entanto, podemos adiantar que a Botelhinha é ainda um dos vários conjuntos rupestres da bacia depressionária de Mirandela (ou bacia do Tua) pois, tal como muitos outros, situa-se nas encostas, outeiros de encosta ou plataformas de encosta que circundam pelo interior aquela depressão.

No local a cobertura vegetal resume-se apenas a dispersos tufo de carquejas e urzes uma vez que o mesmo foi percorrido por um incêndio recente.

3. METODOLOGIA DE ESTUDO

Os trabalhos realizados na estação da Botelhinha realizaram-se segundo uma metodologia actualmente aceite dentro da Arqueologia, mas sujeitaram-se aos meios técnicos de que dispusimos. Antes do início dos trabalhos removeu-se a vegetação que envolvia os afloramentos gravados³ e desmatou-se uma faixa com cerca de 50 metros de largura, entre o limite Sul do Outeiro e o estradão que liga o sítio ao centro da aldeia de Pegarinhos, com o objectivo de fazer o levantamento topográfico do sítio (Figura 3).

¹ O sítio foi-nos dado a conhecer pelo Sr. Pedro Bernardino Carreira, habitante da aldeia de Pegarinhos.

² A direcção dos trabalhos realizados esteve a cargo da Doutora Maria de Jesus Sanches e contou com a co-direcção de Alexandre Lima, António Costa e Maria Antónia Soares, que integravam a equipa de investigação. Estes tiveram o apoio da Câmara Municipal de Alijó e da Junta de Freguesia de Pegarinhos, a quem deixamos aqui o nosso agradecimento. O nosso especial obrigado à Presidente da Junta de Pegarinhos, a Enfermeira Amélia, pelo carinho e apoio com que sempre nos prendou. Um agradecimento a todos aqueles colegas que nos ajudaram nos levantamentos de campo.

³ A desmatização do sítio contou com o apoio de dois trabalhadores locais, contratados pela Junta de Freguesia de Pegarinhos.

Após estes trabalhos, procedeu-se à limpeza, a seco, dos afloramentos gravados, uma vez que estes estavam cobertos de líquenes. Utilizaram-se para o efeito escovas de pelo macio, que serviram apenas para tirar os líquenes mais salientes e menos agarrados às rochas.

Os registos foram realizados à escala 1/1, através de decalque directo em plástico policristal, utilizando-se folhas de 57 cm por 76 cm, com uma esquadria de 10 cm, de modo a permitir a sobreposição em fase posterior. Foram usadas canetas de acetato, de diferentes cores e espessuras: a preto, vermelho ou azul, sendo a primeira utilizada para a delimitação da gravura e as restantes para marcar pormenores e limites do afloramento.

Em todas as folhas usou-se uma numeração correspondente à respectiva rocha de modo a permitir a montagem dos desenhos. A marcação nas folhas de tracejados nas zona de colocagem permitiram uma melhor colagem durante a fase de redução para uma escala maior. De igual modo, e como medida preventiva, fotografaram-se os plásticos *in situ*. Os decalques realizaram-se sob a projecção de um foco de luz rasante artificial de forma a registar as subtilezas dos motivos gravados, e tentar perceber a estratigrafia figurativa dos mesmos. Foram feitos levantamentos nocturnos e diurnos, acompanhados sempre por registos fotográficos. Relativamente ao registo diurno, utilizou-se um esquema de luz indirecta, proporcionada pelo uso de um espelho e de um guarda-sol que sombreava as zonas que queríamos registar.

Findos os levantamentos das gravuras, foram realizados desenhos à escala de cada rocha.

No que respeita à análise morfo-estilística do conjunto, o método seguido compreende sobretudo quatro níveis de análise: o espaço alargado, no outeiro, a rocha, os painéis e, finalmente, as figuras.

O espaço refere-se assim à caracterização do sítio, à sua inserção na paisagem e à relação com o espaço envolvente.

A rocha é considerada, em termos analíticos, como a unidade primária. Os painéis actuam como unidades conexas, onde são distinguidas preferências espaciais (denominadas de áreas) e linhas de composição figurativa.

4. O ESPAÇO, AS ROCHAS, OS PAINÉIS E OS MOTIVOS GRAVADOS

No Outeiro da Botelhinha observam-se diversos afloramentos graníticos à superfície posicionados de forma dispersa, mas a maior e proeminente concentração ocorre num género de “crista”, orientado no sentido E-O, que limita naturalmente a plataforma a Norte, precisamente onde se reinicia a cadênciã altimétrica em direcção ao Regato do Souto. É nesta pequena “crista” que observamos um total de 12 rochas gravadas, numeradas de 1 a 12 neste estudo (Fig. 1, 2 e 3).

De um modo geral as rochas aqui analisadas estão muito próximas entre si, estruturando um espaço reservado e natural entre o planalto e a encosta baixa, imediato aos cursos de água, criando, conseqüentemente, um maior impacte e centralização visual para quem por ali está de passagem⁴. Daí impera o domínio visual sobre a paisagem envolvente, avistando-se toda a parte SO da bacia de Mirandela. Tem-se por horizonte a emblemática Serra de Passos/Sta. Comba, a Norte, onde se encontra um vasto conjunto de abrigos e painéis pintados (SANCHES *et. al.*, 1998, pp. 85-104; SANCHES, 2002 & 2005) e o singular abrigo Pré-histórico do Buraco da Pala (SANCHES, 1995). Daqui domina-se bem a crista que originou o monumento de Crasto de Palheiros (SANCHES, 1997 & 2005) e os povoados de Castelo de Castorigo e Castelo de Vale de Mir (LEMONS, 1993; SILVA, 1986; ALMEIDA 1992-93), este último a Oeste da Botelhinha. Enquanto os primeiros são estações pré-históricas, este últimos povoados são atribuídas à Idade do Ferro/

⁴ Assume-se que o sítio seria um ponto de passagem para quem desce do Alto da Regaleira para o vale do Regato do Souto.

Romanização. No caso do Crasto de Palheiros aquele é simultaneamente um monumento do Calcolítico (c. 3000/2000 a.C.) e um povoado da Idade do Ferro (sec. VI-I/II a.C.) (SANCHES & PINTO, 2008 a e b). No entanto, não é fácil identificar o Outeiro da Botelhinha a partir de pontos de observação não muito distantes, talvez por se confundir num meio em tudo semelhante. Trata-se assim de um lugar de passagem de onde se vê um alargado território não sendo facilmente visto a partir daquele.

No conjunto, parece ter havido ali o aproveitamento do posicionamento natural das rochas na hierarquização do espaço. Ou seja, se abordarmos o “lugar”, independentemente do local onde nos encontramos e por onde o fazemos, a Rocha 1 é, no conjunto, a que mais sobressai do ponto de vista visual e volumétrico na plataforma onde está inserida. Concomitantemente é a Rocha com o maior número de motivos gravados (70%), o que parece demonstrar uma preferência relativamente às restantes rochas. Provavelmente essa predilecção provém também do elevado número de superfícies passíveis de gravação e da peculiar exposição solar constante sobre as mesmas ao longo do dia. A hierarquização do espaço, com base na implantação de cada rocha, é acentuado pelo número e diversidade de motivos gravados diminuem quando se caminha de Este para Oeste, tal como será possível confirmar adiante. A razão provável para que tal aconteça parece estar relacionada com o incremento da dificuldade no acesso às mesmas, obrigando o transeunte a aproximar-se e pisar as rochas para poder ver os motivos gravados. A disponibilidade de superfícies (painéis) aptas à gravação também pode contribuir para essa hierarquização, ou seja, as preferências de gravação poderão decorrer das características do suporte, e consequentemente, das linhas de composição que este permite. Há aqui um jogo espacial e compositivo cujas linhas explicativas ainda não se tornaram claras.

As rochas gravadas têm perfil variável, com arestas bem definidas, que delinham áreas de gravação pouco regulares (que designamos painéis) nos vários planos/espacos, sub-horizontais e/ou verticais, interiores e exteriores. Em todo o conjunto foram demarcados 25 painéis gravados, dos quais seis estão no plano sub-horizonta e os restantes no plano subvertical; dois são painéis interiores, um em cada plano, e os restantes exteriores. Para um melhor entendimento do conjunto temos que fazer notar que neste pequeno outeiro há rochas agarradas ao solo que são consideradas como elementos fixos, podendo os seus painéis serem assumidos como mantendo as suas posições originais. É o caso das rochas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8 e 10.

Pelo contrário, outros blocos graníticos que poderiam ser movimentados dado o seu relativamente pequeno volume e peso, têm de ser entendidas como blocos móveis. A sua posição actual pode ser meramente circunstancial ou então próxima daquela que ocuparia em último lugar. É o caso das rochas 7, 9, 11 e 12.

Do ponto de vista dos motivos gravados identificamos 26 figuras singulares que se distinguem em todo o conjunto, independentemente da sua dimensão, quantidade, qualidade, e associações/sobreposições figurativas entre si. Essas 23 figuras foram analiticamente organizadas em XVI categorias (algumas destas com subdivisões internas) – ver Quadro 1

O conjunto integra cuja complexidade técnica é reduzida, uma vez que o próprio suporte não é o mais adequado para registar subtilezas de pormenor dignas de referência. O Quadro 2 refere-se à distribuição dos motivos, nomeados pelas diferentes rochas.

A técnica de gravação utilizada para gravar as rochas da estação rupestre da Botelhinha consistiu essencialmente em picotagem, seguida por vezes de abrasão. Segue-se então a descrição detalhada de cada uma das rochas gravadas no Outeiro Rupestre da Botelhinha. Os desenhos dos painéis de cada rocha constam das Figuras deste artigo.

Quadro 1
Síntese das categorias e subcategorias das figuras gravadas

Figura	Caracterização	
I	Ia	Figuras de rectângulos de bordos arredondados segmentados interiormente por 1, 2 e 3 linhas rectas, formando xadrez, antropomorfizados por cruciforme ou apêndice na parte superior e apêndice inferior.
	Ib	Figuras de quadrados de bordos arredondados segmentados interiormente por duas linhas perpendiculares entre si com apêndice (antropomorfizadas). Estas figuras são por vezes de tendência oval.
II	Figuras antropomórficas esquemáticas com ou sem cabeça –, com os quatro membros rectos, de eixos com dimensões semelhantes.	
III	Figuras antropomórficas de tipo cruciforme (e suas variantes), algumas dos quais de natureza latina (ou seja, com aletas ou círculos nas extremidades do eixo vertical e horizontal).	
	IIIa	Figura com corpo triangular – saia(?).
IV	IVa	Figuras antropomórficas ictifálicas.
	IVb	Figuras antropomórficas/bucrânios.
V	Va	Figuras subcirculares fechadas, associadas ou não a covinhas.
	Vb	Figuras subquadrangulares ou de tendência subcircular (com cantos arredondados).
	Vc	Figuras subquadrangulares ou de tendência subcircular (com cantos arredondados), interiormente segmentadas.
VI	Figuras radiais, tendo ou não covinha central (esteliformes).	
VII	Semicírculos ou círculos incompletos (comumente denominados de “ferraduras”) associados ou não com covinhas.	
VIII	Motivo triangular, associado a uma covinha;	
IX	IXa	Covinhas isoladas.
	IXb	Covinhas interligadas.
X	Xa	Sulcos algo sinuosos, compridos e irregulares.
	Xb	Sulcos algo sinuosos, curtos, simples, isolados ou alinhados entre si.
XI	Motivos indefinidos que por vezes poderão ser “restos” de motivos erodidos pelo tempo ou motivos inacabados.	
XII	Figuras tipo “phi” grego simplificado.	
XIII	Figuras geométricas – barra horizontal, da qual partem 3, 4 ou 5 linhas perpendiculares à primeira e paralelas entre si (similares a um ancinho). Estas figuras podem também ser integradas na categoria I (seria Ia) mas preferimos distingui-las dado que tanto aparecem antropomorfizadas, associados a cruciformes ou com apêndice, como isoladas.	
XIV	Figuras de utensílios/arma encabada.	
	XIVa	Figura similar a um bastão, com dois apêndices, uma para cada lado do topo, formando um “T” simétrico.
	XIVb	Figura formalmente bastante padronizada que consiste num traço mais ou menos longo (um “cabo”?) encimado por um círculo com apêndice, tendo o círculo por vezes 1 covinha ou traço que parte do “cabo”.
XV	Cruciforme complexo, com 3 eixos horizontais/antropomorfo esquemático (arboriforme?).	
XVI	Figura composta de dois arcos – oculado(?).	

Rocha 1

A Rocha 1 é a mais complexa do conjunto, a que detém a maioria dos motivos do conjunto (cerca de 70%), a que exhibe maior variedade de motivos e também a que mais se realça no Outeiro. Trata-se de um afloramento granítico alongado, de forma sub-rectangular com cerca de

Quadro 2
Distribuição do Motivo nas Rochas da Botelhinha

Rocha / Categoria	Rocha 1	Rocha 2	Rocha 3	Rocha 4	Rocha 5	Rocha 6	Rocha 7	Rocha 8	Rocha 9	Rocha 10	Rocha 11	Rocha 12	Total %	
I	Ia	2	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	4 1%
	Ib	25	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	27 6,5%
II	37	2	3	2	0	0	0	2	0	0	0	0	46 11%	
III		136	15	15	0	1	2	2	0	0	0	1	1	173 41,5%
	IIIa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0	0	4 1%
IV	IVa	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2 0,5%
	IVb	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1 0,3%
V	Va	9	3	1	5	0	0	0	0	6	0	0	0	24 5,8%
	Vb	1	4	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	8 2%
	Vc	0	2	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	2 0,5%
VI	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4 1%	
VII	31	4	3	1	0	0	0	0	0	0	0	0	39 9,4%	
VIII	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2 0,5%	
IX	IXa	21	1	0	2	7	0	0	0	1	0	0	0	32 7,7%
	IXb	4	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	6 1,4%
X	Xa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0 0,0%
	Xb	4	1	0	0	0	0	0	0	1(?)	0	0	0	6 1,4%
XI	11	9	0	1	0	0	0	0	0	1(?)	0	0	0	22 5,3%
XII	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2 0,5%
XIII	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3 0,7%
XIV	XIVa	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1 0,3%
	XIVb	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	2 0,5%
XV	1	0	4	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	6 1,4%
XVI	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1 0,3%
TOTAL %	292 70%	46 11%	31 7,4%	11 2,6%	11 2,6%	2 0,5%	4 1%	3 0,7%	10 2,4%	4 1%	2 0,5%	1 0,3%	417 100%	

2,80m eixo maior e 2,10m de eixo menor, sobre o qual assenta um monólito rochoso independente, ligeiramente mais pequeno (cerca de 2,20 m. de eixo maior e 1,70m. de eixo menor) cuja base tem uma concavidade natural (com espaço suficiente para albergar uma pessoa de estatura baixa no interior), onde são visíveis as marcas provocadas pela erosão eólica. A rocha tem cerca de 1,5m. de altura máxima e 0,7m de altura mínima.

Na área exposta a Norte existe uma fresta natural, vertical, com cerca de 0,4m de altura e 0,15m de largura média. Apesar de se tratar de duas massas rochosas fisicamente independentes, mas sobrepostas entre si, são aqui assumidas como uma só rocha, uma vez que é esta morfologia que a torna proeminente em relação às restantes rochas do conjunto.

Esta rocha apresenta zonas bastantes erodidas, designadamente nas partes expostas a Sul, que dificultaram a distinção entre os motivos gravados e erosão natural. O recurso à projecção de um foco de luz rasante artificial permitiu ultrapassar, em certa medida, esta dificuldade, mas não clarificou, em termos de estratigrafia figurativa, as sobreposições entre motivos.

Por questões de ordem prática, que se prendem com o polimorfismo da própria rocha, optamos por dividimo-la em dez painéis, definidos pelas arestas principais da mesma (PN1/2-R1: Painel Norte1 e 2; PLSS – R1: Painel Lateral Sul Superior; PH-R1: Painel Horizontal; PLSI-R1: Painel Lateral Sul Inferior; PHI/V-R1: Painel Horizontal e Vertical Interior; PLPI-R1: Painel Lateral Poente Inferior; PLN-R1: Painel Lateral Nascente; PLPS-R1: Painel Lateral Poente Superior) – ver Figura 4.

A abundância de motivos gravados em praticamente todos os painéis desta Rocha é, repetidos, um aspecto que deve ser salientado. A excepção ocorre nos painéis voltados a Norte (PN1/2 – R1) os quais apresentam poucos motivos gravados e bastante afastados entre si (Quadro 3). Os decalques realizados nos painéis desta Rocha permitiram reconhecer motivos/figuras que se inserem na subcategoria Ia, categorias II, III, subcategorias IVa, IVb, Va, Vb, categoria VII, subcategorias IXa, IXb, categorias XI, XII, XIII XV. Segue-se então a caracterização e análise de cada painel individualmente.

Painel Norte 1 (PN1-R1): este painel, subvertical, voltado sensivelmente a Norte, apresenta apenas 6 motivos, designadamente de categorias, III e VII e subcategoria Xb. Neste painel a luz solar não incide directamente nos motivos gravados, o que faz com que sejam pouco perceptíveis ao longo do dia. A disposição dos motivos no painel assume uma posição periférica, não se verificando associações. Mesmo assim, verificam-se dois agrupamentos: um com um cruciforme junto de um círculo com covinha; o outro com um cruciforme junto de três círculos abertos/covinhas. Todas foram realizadas através da técnica de picotagem e têm perfil em “U”. Todos os motivos estão genericamente alinhados segundo o eixo vertical da rocha – Figura 5.

Painel Norte 2 (PN2-R1): este painel, subvertical, está voltado sensivelmente a NNO. Apresenta apenas 6 motivos gravados: 3 motivos antropomorfos de categoria II e 3 de categoria III, todos gravados na parte superior e marginal do painel, sendo parcialmente visíveis com luz natural, mas já ao final do dia. As gravuras foram realizadas através da técnica de picotagem, e têm perfil em “U”. Dos motivos gravados, 5 seguem o mesmo eixo vertical e apenas um o eixo horizontal da rocha – Figura 6.

Painel Lateral Nascente (PLN-R1): este painel, sub-horizontal, de perfil sinuoso, voltado a sensivelmente a Este, apresenta 46 motivos gravados das seguintes categorias e subcategorias: Ia (1 motivo), II (11 motivos), III (26 motivos), IVa (2 motivos), IVb (1 motivo) Va (2 motivos), e Vb, VII (1 motivo), IXa (1 motivo) e XI (1 motivo), independentemente de qualquer associação figurativa. A incidência de luz solar ocorre directamente nas gravuras, o que faz

com que sejam bastante visíveis entre o sol nascente e o sol de meio-dia. Na distribuição das gravuras no painel verifica-se uma preferência evidente pela área mais próxima do solo. Assim, parece haver uma organização/composição visível na orientação genérica dos motivos, que criam uma fronteira formal entre uma área mais sinuosa (Área A), mais próxima do solo e outra menos sinuosa, mais próxima do topo (Área B). Assim, na Área A, os motivos estão tendencialmente orientados para a esquerda, enquanto na Área B, verifica-se o oposto; verifica-se também que é na parte inferior desta área que figura um maior número de motivos. Surgem duas associações de motivos antropomorfos da categoria II e III, havendo a acrescer ainda uma associação de um cruciforme complexo, com uma figura ambígua, que tanto pode ser uma figura em “phi” (categoria XII) como um bucrânio (subcategoria IVa). Nesta área sobressai um motivo reticulado da subcategoria Ia, antropomorfizado pela associação a um cruciforme (de categoria II) e por essa razão decidimos considerar o motivo como “uno” (pois aqui estes “rectângulos aparecem sempre antropomorfizados). Este motivo é rodeado de 9 antropomorfos, 2 semicírculos com covinhas (categoria VII) e uma figura sub-circular fechada (subcategoria IVb). De destacar ainda dois motivos de antropomorfos ictifálicos, ou seja, com “três pernas” (subcategoria IVa), simbolizando provavelmente o sexo masculino. São únicos em todo o conjunto da Botelhinha. Único também é o par de antropomorfos/cruciformes claramente de “mãos dadas”. Verifica-se que os motivos têm sulcos profundos, de perfil tanto em “U” como em “V”, o que sugere que tenha havido um reavivamento dos mesmos em épocas mais recentes. As técnicas de gravação utilizadas parecem ter sido a picotagem, seguida de abrasão.

A Área B revela um menor número de motivos que se dispersam pelos limites do painel. Surgem motivos de categoria II e III, covinhas da categoria IXa e dois motivos semi-circulares, da subcategoria Va. Verifica-se uma associação de dois motivos antropomorfos da categoria III e a associação entre um motivo subcircular fechado (V) e dois motivos, um da categoria III e outro da categoria XI (aqui parece haver uma sobreposição dos motivos, em que o semi-círculo antecede os restantes, podendo levar a pensar que se trata de um motivo uno, mas formal e semanticamente compósito). Os sulcos gravados são menos profundos do que nos motivos da área A (provavelmente por estarem mais expostas à erosão e por não terem sido “retocados” em períodos mais recentes) e têm perfil tanto em “U” como em “V”. A técnica de gravação é semelhante à utilizada na Área A – Figura 7

Painel Horizontal (PH-R1): Este painel, sub-horizontal, de perfil muito sinuoso, com uma orientação genérica E-O, apresenta 62 motivos gravados, designadamente da categoria Ia (1 motivo), categoria II (6 motivos), categoria III (38 motivos), categoria V (2 motivos), categoria VII (3 motivos), categoria IXa (3 motivos), categoria XI (6 motivos), categoria XII (1 motivo) e categoria XIII (2 motivos). Neste painel a incidência de luz solar ocorre directamente nas gravuras, o que faz com que sejam visíveis ao longo de todo o dia (de acordo com o percurso solar) sendo tanto mais visíveis quanto maior for o ângulo de penetração de luz nos sulcos gravados. A distribuição das gravuras no painel é quase homogénea, não se verificando uma preferência evidente por uma área específica do mesmo. No entanto, parece haver uma organização de motivos em três áreas distintas (A, B e C), segundo a orientação dos eixos dos motivos antropomórficos.

A que designamos de Área A é composta por motivos antropomorfos da categoria II e III, covinhas – da subcategoria IXa, um motivo subcircular fechado da subcategoria Va, e um semi-círculo, da categoria VII, este associado a um antropomorfo de categoria III. Os motivos estão orientados sensivelmente para a esquerda do painel. A Área B é composta por motivos antropomorfos da categoria III, um dos quais está associado a uma figura geométrica da categoria XIII e surge ainda um motivo da categoria VII associado e sobreposto por um motivo

antropomórfico da categoria III. Os motivos estão tendencialmente orientados para a direita do painel. Por último, a Área C é composta por motivos antropomorfos da categoria III, um deles associado a uma figura em “phi”, formando como que uma figura uma do ponto de vista formal e talvez semântico. Existe ainda uma figura geométrica da categoria XIII e uma associação de um cruciforme da categoria III com um motivo subcircular fechado, da categoria V, bem como uma figura rectangular – da categoria Ia – associado a um antropomorfo da categoria II, com cabeça. Merece ainda destaque uma figura alongada provida de uma espécie de laço na extremidade – e que denominamos de arma/utensílio encabada –, por serem evidentes as suas semelhanças com o motivo da Rocha 5, bem como com o motivo lateral da Rocha 2 (categoria XIV). Os motivos estão orientados tanto para a esquerda como para a direita do painel.

Devido à erosão patente em toda a superfície, torna-se difícil perceber, em termos de estratigrafia figurativa, as sobreposições de motivos pois os traços harmonizam-se de tal forma que dificultam este entendimento. As gravuras foram realizadas através da técnica de picotagem, e têm perfil em “U” e em “V” – Figura 8.

Painel Vertical Interior (PVI-R1): está localizado na parte superior da cavidade rochosa. Está voltado sensivelmente para Este e apresenta quatro antropomorfos simples, da categoria III, ligeiramente alinhados, gravados sobre uma superfície bastante erodida. O seu visionamento só é possível no interior da rocha – Figura 9.

Painel Horizontal Interior (PHI-R1): o painel Horizontal Interior apresenta uma superfície gravada de dimensões semelhantes às da concavidade natural que a cobre. São vários os motivos gravados, mas a interligação e harmonização do traço entre eles condicionou a identificação dos motivos gravados. Verifica-se como que um “horror ao vazio”, com a maioria dos motivos muito próximos uns dos outros e maioritariamente ligados entre si. Os traços desenhavam sobretudo motivos antropomorfos (categorias II, III) ligados ou não entre si, ou ligadas as outras figuras. Tem assim motivos da categoria II (25 motivos), subcategoria Va (2 motivos), categoria VII (6 motivos), subcategorias IXa (10 motivos) e IXb (4 motivos), categoria XIII (1 motivo), XIV (talvez 1 ou 2 motivos), da categoria XV (1 motivo) e da categoria XVI (1 motivo). A luz interior, apesar de ténue, permite visualizar grande parte dos motivos gravados; para tal contribui também a profundidade dos sulcos gravados, provavelmente avivados em épocas mais recentes, demarcando bem cada figura.

Dado que a maioria dos motivos se liga entre si numa associação singela, ou seja, aparece em forma de “rede” de motivos interligados, é mais fácil falar daqueles que se individualizam: alguns antropomorfos cruciformes que contornam o painel pelo lado direito, círculos, “ferraduras” e covinhas. As associações entre motivos, num total de 7, traduzem-se na maioria em associações entre motivos antropomorfos e as retículas simples ou segmentadas; surge ainda uma associação entre uma figura geométrica (XIII) associada a um semi-círculo (VII) e a 2 antropomorfos da categoria III. Das covinhas existentes, as mais próximas do limite Sul do painel são, quanto a nós, de origem natural, formadas devido à erosão provocada, por exemplo, pelo escorrimento de águas pluviais; estas estão interligadas entre si por um sulco contínuo que parece limitar, em associação com outros motivos (cruciformes e retículas simples), a área de gravação. No conjunto associativo torna-se evidente uma organização figurativa composta pela associação de motivos antropomorfos e suas variantes e retículas simples, criando uma composição meandroide, única em todo o conjunto da Botelhinha. Esta organização está patente em 4 das 7 associações, ocupam cerca de 3/4 da área gravada e todas elas seguem aproximadamente o mesmo eixo vertical, à semelhança das restantes associações.

A gravação dos motivos parece ter sido realizada por picotagem e abrasão, surgindo assim motivos com perfil em “U” e em “V”. A harmonização do traço entre os motivos, torna difícil perceber sobreposições entre motivos e portanto a estratigrafia figurativa do painel – Figura 10.

Painel Lateral Sul Superior (PLSS-R1): este painel, vertical, de perfil sinuoso, voltado a Sul, apresenta 33 motivos gravados, sendo essencialmente antropomorfos da categoria II e III, surgindo ainda exemplares das subcategorias Va e IXa, ainda que em número muito reduzido (2 motivos, um de cada). De qualquer modo, dois destes cruciformes complexos podem também ser incluídos na categoria XV. Neste painel a incidência de luz solar ocorre directamente nas gravuras o que faz com que sejam bastante visíveis entre o sol nascente e de meio da tarde. A distribuição das gravuras no painel não é homogénea, verificando-se uma maior concentração na área situada mais a Este, a qual está naturalmente demarcada por uma fractura da rocha. Do ponto de vista das associações figurativas apercebemo-nos que é na área de maior concentração de motivos que se dá este fenómeno. Ou seja, surgem motivos antropomorfos de categorias II e III interligados entre si na zona mais a Este do painel. Todos os motivos surgem gravados no mesmo eixo aproximado.

Os motivos gravados apresentam sulcos de perfil em “U”. A técnica de gravação utilizada parece ter sido picotagem. Refira-se que ainda que este painel apresenta um grau de erosão significativo, sendo perceptíveis as marcas da erosão continuada ao longo dos tempos, mesmo sobre as gravuras. Tal facto inviabiliza a leitura estratigráfica da composição – Figura 11.

Painel Lateral Sul Inferior (PLSI-R1): este painel, subvertical, de perfil sinuoso, voltado a Sul, apresenta 22 motivos gravados, sendo essencialmente antropomorfos da categoria II e III; surgem ainda exemplares da subcategoria Va e IX ainda que em número reduzido. Neste painel a incidência de luz solar ocorre directamente nas gravuras, o que faz com que sejam visíveis entre o sol nascente e de meio da tarde. O elevado grau de erosão da rocha origina alguma confusão entre o que é erosão e o que é gravação. A distribuição das gravuras no painel não é homogénea, verificando-se que a gravação e concentração de gravuras ocorrem em consonância com o limite Oeste da concavidade e o Painel Horizontal Interior. A fractura da rocha –, que é visível no PLSS, vê-se prolongada neste painel em direcção ao solo. À semelhança do que acontece no PLSS, também aqui ocorre o maior número de motivos gravados, o que faz com que haja uma ligação peculiar entre estes planos. Do ponto de vista das ligações/associações físicas entre motivos, temos um motivo antropomorfo de categoria III ligado a um motivo subcircular de categoria Va. Duas covinhas estão interligadas entre si por um sulco profundo mas este é por nós já considerado um motivo único (IXb).

Os motivos gravados apresentam sulcos de perfil em “U”. A técnica de gravação utilizada foi a picotagem – Figura 12.

Painel Lateral Poente Superior (PLPS-R1): painel subvertical, de perfil pouco sinuoso, voltado a Poente. Apresenta 9 motivos gravados, divididos entre antropomorfos de categoria II (7 motivos) e 2 motivos semi-circulares de categoria VI. Neste painel a incidência de luz solar ocorre directamente nas gravuras, a partir do meio-dia o que faz com que, a partir daí, sejam mais visíveis do que em períodos de sombra. Para tal concorre o facto de serem pouco fundos, provavelmente devido à erosão a que o painel está exposto. A maioria das gravuras ocupa o centro do painel e aquelas estão orientadas segundo o mesmo eixo vertical, mas

tendencialmente voltadas para a direita. Não existem associações entre motivos, mas os semi-círculos estão um ao lado do outro, como que formando um par. O perfil dos motivos gravados é geralmente em “U” – Figura 13.

Painel Lateral Poente Inferior (PLPI-R1): este painel, subvertical, de perfil muito sinuoso, que apresenta na base uma “pia” natural, está voltado sensivelmente a Oeste, para o povoado da Idade do Ferro, denominado Castelo de Vale de Mir (ALMEIDA *et. al.*, 1997, 17). Do conjunto de rochas e painéis gravados é o que apresenta a maior de concentração de motivos em “ferradura” ou semi-círculos de categoria VII (num total de 16) associados por vezes a covinhas. Surgem também motivos antropomorfos de categoria II (6 motivos) e categoria III (17 motivos), e ainda exemplares da subcategoria Va (3 motivos), subcategoria IXa (6 motivos) e categoria XI (4 motivos). No entanto, a distribuição dos motivos parece ser motivada pelo vértice rochoso que delinea dois planos (por nós definidos de áreas A e B) divergentes no painel. A clara intencionalidade de aproveitar o formato da rocha reflecte-se também no modo como estão distribuídos os motivos. Assim, na Área A verifica-se que os motivos mais recorrentes são aqueles em “ferradura”, enquanto na Área B são os motivos antropomórficos, apesar de coexistirem em cada uma das áreas. A interligação figurativa entre as duas áreas é feita pela associação, gravada sobre o vértice rochoso, de um motivo cruciforme de categoria II e de um motivo em “ferradura” (categoria VII). Esta composição repete-se nas duas áreas. Em ambas as áreas existem também associações entre motivos antropomorfos – Figura 14.

Neste painel a incidência de luz solar directa ocorre desde o meio-dia até ao final da tarde. O perfil dos motivos gravados é geralmente em “U” e foram executados segundo a técnica de picotagem.

No conjunto da Rocha 1 foram identificados, repetimos, 292 motivos (representando 70% do total de motivos do conjunto da Botelhinha) dos quais 59,3% são das categorias II e III, ou seja motivos antropomórficos simples ou de tipo cruciforme e suas variantes. São estes os motivos mais frequentes na Rocha 1, em oposição à inexistência de outros motivos –, como por exemplo, os radiais ou esteliformes, que só ocorrem na Rocha 2.

Rocha 2

A Rocha 2 da Botelhinha é um bloco granítico, solto, onde é possível visualizar três painéis gravados: um no plano horizontal, mas tendencialmente voltado para solo, no sentido O-E (PH-R2), e dois painéis laterais, dos quais um está voltado sensivelmente para norte (PLN-R2) e ou outro para SO (PLS-R2). A divisão entre os três painéis é feita pelas arestas principais da rocha – Figura 15.

Morfológicamente a Rocha 2 apresenta uma forma subtriangular, com 2 metros de eixo maior e 1,20 metros de eixo menor, genericamente orientada no sentido E-O, com o lado maior do lado Este. O perfil é variável, com cadência para Este, de cerca de 30°. Esta rocha tem grão de calibre médio-elevado e os sinais de erosão são claramente visíveis.

Relativamente aos motivos gravados verifica-se que a sua distribuição não é uniforme, constatando-se que é o PH-R2 que apresenta a maior concentração e diversidade de motivos gravados (Quadro 4). A profundidade dos motivos gravados é variável, ao ponto de alguns só serem perceptíveis através da projecção de luz rasante artificial. Os decalques realizados nos painéis desta Rocha permitiram reconhecer motivos que se inserem nas categorias e subcategorias Ia, Ib, II, III, Va, Vb, VI, IXa Xa, Xb e XIVa. Do conjunto é o único afloramento que apresenta gravações da categoria VI, ou seja, covinhas associadas a traços radiais (6 e 8 traços) ou esteliformes de desenho mais tosco.

Quadro 3
Distribuição dos motivos nos painéis da Rocha 1

Painel / categoria		PN1-R1	PN2-R1	PLN-R1	PH-R1	PVI-R1	PHI-R1	PLSS-R1	PLIS-R1	PLPS-R1	PLPI-R1	Total %
I	Ia	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	2 0,7%
	Ib	0	0	0	0	0	25	0	0	0	0	25 8,5%
II		0	3	11	2	0	0	4	4	7	6	37 12,7%
III		2	3	26	38	3	0	29	18	0	17	136 46,6%
	IIIa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0 0,0%
IV	IVa	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	2 0,7%
	IVb	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1 0,3%
V	Va	0	0	1	2	0	2	1	0	0	3	9 3,1%
	Vb	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1 0,3%
	Vc	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0 0,0%
VI		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0 0,0%
VII		3	0	1	3	0	6	0	0	2	16	31 10,6%
VIII		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0 0,0%
IX	IXa	0	0	1	3	0	10	1	0	0	6	21 7,2%
	IXb	0	0	0	0	0	4	0	0	0	0	4 1,4%
X	Xa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0 0,0%
	Xb	1	0	0	0	0	0	0	3	0	0	4 1,4%
XI		0	0	1	6	0	0	0	0	0	4	11 3,8%
XII		0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1 0,3%
XIII		0	0	0	2	0	1	0	0	0	0	3 1%
XIV	XIVa	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1 0,3%
	XIVb	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1 0,3%
XV		0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1 0,3%
XVI		0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1 0,3%
TOTAL %		6 2%	6 2%	46 15,7%	58 19,9%	3 1%	52 17,8%	35 12%	25 8,5%	9 3,1%	52 17,8%	292 100%

Esta Rocha posiciona-se a Sudoeste da Rocha 1, a cerca de 1 metro de distância, numa posição altimétrica menos destacada. De igual modo localiza-se à equidistância de cerca 0,5 metros das Rochas 3 e 4.

Segue-se então a caracterização e análise de cada painel.

Painel Lateral Sul (PLS-R2): painel vertical de perfil pouco sinuoso, voltado sensivelmente para Sul. São poucos os motivos gravados neste painel, ou seja, surgem apenas 5 motivos, dos quais três são antropomorfos da categoria III (um dos quais abrangendo também o PH-R2) um motivo da categoria IXa e por fim um motivo da categoria Xb.

Neste painel a incidência de luz solar directa sobre as gravuras ocorre a partir do meio-dia até cerca das 3 ou 4 da tarde. No entanto, a presença de uma luz mais tênue não deixa de as evidenciar uma vez que os sulcos são reentrantes. Estes ocupam a parte superior do painel, não se verificando sobreposições ou associações figurativas. O perfil dos motivos gravados é geralmente em “U” e a técnica utilizada foi a picotagem, seguida provavelmente de abrasão – Figura 16.

Painel Lateral Norte (PLN-R2): painel subvertical de perfil sinuoso, voltado sensivelmente para Norte. São menos de uma dezena os motivos gravados neste painel: da subcategoria Vb e Vc (4 motivos, dois de cada), categoria VI (1 motivo), categoria VII (1 motivo) e categoria XI (2 motivos). Dos três painéis que compõem a rocha, este é o único que não apresenta motivos cruciformes. Neste painel a incidência de luz solar directa nas gravuras ocorre do meio-dia até ao pôr-do-sol. As figuras ocupam o plano superior e quase central do painel, provavelmente como forma de aproveitamento da luz solar. A técnica de gravação utilizada foi a picotagem e perfil dos motivos gravados é geralmente em “U” – Figura 17.

Painel Horizontal (PH-R2): painel sub-horizontal, de perfil sinuoso, com cadência natural voltada sensivelmente para Este. São abundantes os motivos gravados, contabilizando-se 34 neste painel. Surgem motivos da subcategoria Ia (1 motivo), categoria II (2 motivos), categoria III (12 motivos), da subcategoria Va (3 motivos), Vb (2 motivos), da categoria VI (3 motivos), VII (4 motivos) e XI (7 motivos).

Neste painel a incidência de luz solar directa nas gravuras ocorre do meio-dia até ao meio da tarde nas partes mais baixas do painel e até ao final do dia, nas mais altas. Pensamos que esta talvez seja a razão pela qual as figuras se distribuem de forma quase radial relativamente ao topo, sendo clara a posição central dos motivos reticulados e dos esteliformes. Assim, julgamos haver a intencionalidade de organizar os motivos em duas áreas distintas, que definimos como A e B.

É na Área B que as associações figurativas surgem mais frequentemente. Há aí um motivo antropomorfo (da categoria III) adossado a um motivo subcircular (da categoria Va); ocorrem também algumas associações duvidosas entre motivos inacabados ou erodidos pelo tempo e, por último, temos uma eventual associação entre um motivo antropomorfo da categoria III e um motivo esteliforme da categoria VI. O problema da associação tem de atender a estas 2 hipóteses de elaboração: a) as figuras são da mesma época e teremos então a representação de um cálice com óstia que terá sido assim pensada desde o início; b) as figuras não são mesma época e então o motivo cruciforme teria acrescentado um novo significado ao motivo “estelar” transformando-o em óstia”. O desgaste natural do afloramento não nos permite usar a patine como argumento em favor de uma ou outra hipótese.

A Área A tem apenas duas associações, uma entre dois motivos antropomorfos da categoria III e a outra entre um motivo subcircular – de categoria VII – e um motivo de categoria XII.

Quadro 4
Distribuição dos motivos nos painéis da Rocha 2

Painel / Categoria		PLS-R2	PLN-R2	PH-R2	Total %
I	Ia	0	0	1	1 2,1%
	Ib	0	0	0	0 0,0%
II		0	0	2	2 4,2%
III		3	0	12	15 31,9%
	IIIa	0	0	0	0 0,0%
IV	IVa	0	0	2	0 0,0%
	IVb	0	0	1	0 0,0%
V	Va	0	0	3	3 6,4%
	Vb	0	2	2	4 8,5%
	Vc	0	2	0	3 4,2%
VI		0	1	3	4 8,5%
VII		0	1	4	4 8,5%
VIII		0	0	0	0 0,0%
IX	IXa	1	0	1	1 2,1%
	IXb	0	0	0	0 0,0%
X	Xa	0	0	0	0 0,0%
	Xb	1	0	0	1 2,1%
XI		0	2	7	9 19,1%
XII		0	0	0	0 0,0%
XIII		0	0	0	0 0,0%
XIV	XIVa	0	0	0	0 0,0%
	XIVb	0	0	0	0 0,0%
XV		0	0	0	0 0,0%
XVI		0	0	0	0 0,0%
TOTAL %		5 10,6%	8 17%	34 72,3%	47 100%

O perfil da totalidade dos motivos gravados é em “U”, verificando-se a utilização da técnica de picotagem e posterior abrasão na execução das gravuras – Figura 18.

Dos motivos reconhecidos nesta rocha (num total de 47, equivalentes a 12% do total de gravuras na Botelhinha), são os motivos antropomórficos da categoria III os mais recorrentes do conjunto. Não foram registados motivos de categoria VIII, XII, XIII, XV e XIV.

Rocha 3

A denominada Rocha 3 da Botelhinha é igualmente de um bloco granítico, solto, onde foi possível identificar três painéis gravados: um no plano horizontal, de secção côncava (PH-R3), e dois painéis laterais, dos quais um está voltado sensivelmente para norte (PLN-R3) e ou outro para SSO (PLO-R3). A divisão entre os três painéis é feita pelas arestas principais da rocha.

Do ponto de vista morfológico a Rocha 3 tem forma sub-rectangular, tendo 2,30 metros de eixo maior e 2 metros de eixo menor, orientada no sentido NE-SO. Tem um perfil variável, com secção côncava na parte central e convexa nas extremidades. O plano horizontal tem uma ligeira pendente para Sul. Esta rocha tem grão de calibre médio/elevado, tal como as restantes do conjunto. Localiza-se junto da Rocha 2, sensivelmente a SO daquela.

Relativamente aos motivos gravados verifica-se que a sua distribuição não é uniforme, constatando-se que é o PH-R3 que apresenta a maior concentração e diversidade de motivos gravados (Quadro 5). A profundidade dos motivos é também variável, ao ponto de alguns só serem perceptíveis através da projecção de luz rasante artificial – Figura 19.

Segue-se então a caracterização e análise cada painel.

Painel Lateral Oeste (PLO-R3): painel subvertical, de perfil pouco sinuoso, voltado sensivelmente para Poente. São poucos os motivos gravados neste painel: surgem motivos da categoria III (1 motivo), subcategorias Va (1 motivo) e Vb (3 motivos), e categoria VI-II (1 motivo), sendo este último único em todo o conjunto da Botelhinha. Neste painel a incidência de luz solar directa nas gravuras ocorre desde o meio-dia até ao pôr-do-sol. As figuras ocupam o plano superior esquerdo. Existe apenas uma associação figurativa entre um motivo antropomorfo da categoria III e um motivo subcircular de categoria Va, verificando-se que o primeiro se sobrepõe ao segundo. No entanto, parece-nos evidente a intencionalidade de criar uma relação de proximidade entre os motivos subcirculares e o antropomorfo de categoria III. O perfil dos motivos gravados é geralmente em “U” e foi utilizada a técnica de picotagem para gravação – Figura 20.

Painel Lateral Norte (PLN-R3): painel subvertical, de perfil pouco sinuoso, voltado sensivelmente para Norte. São muito poucos os motivos gravados neste painel resumindo-se apenas a dois antropomorfos da categoria III e uma gravura compósita/complexa, provavelmente inserível na categoria XV, cuja origem é no PH-R3. Neste painel a incidência de luz solar directa praticamente não existe. A quase ausência de gravuras neste painel pode eventualmente dever-se a esse facto. Por outro lado, assume-se que a proximidade entre este painel e a Rocha 4 é muito grande (30 a 50 cm), o que condiciona qualquer movimentação do indivíduo em torno do sítio. As figuras ocupam o plano superior esquerdo e direito, o que nos leva a pensar que estas poderiam ser observadas apenas a partir de cima, ou seja, da Rocha 4. Não foram identificadas associações entre figuras. O perfil dos motivos gravados é geralmente em “U” e foi utilizada a técnica de picotagem para gravação – Figura 21.

Painel Horizontal (PH-R3): Painel sub-horizontal, de perfil sinuoso, com secção côncava ao centro e convexa nas extremidades, com pendente suave, sensivelmente voltada para sul. Os

motivos gravados, num total de 21, resumem-se a seis categorias: 14 antropomorfos (categorias II e III), três semicírculos (categoria VII), um dos quais associados a uma covinha (tal como já acontecia noutras áreas do conjunto), 1 motivo de categoria XIII e 3 motivos da categoria XV. A incidência de luz solar inicia-se quase com o sol nascente, sendo contínua praticamente até ao final do dia. As figuras distribuem-se de forma pouco homogénea, ou seja, verifica-se uma grande concentração no plano central, côncavo; algumas figuras mais dispersas ocupam os planos convexos. No entanto, há claramente uma organização figurativa com base nos eixos principais da rocha, que dividimos em duas áreas (A e B). Na Área A verifica-se que uma parte significativa dos motivos antropomorfos gravados estão associados entre si ou, se não estão, estão extremamente próximos uns dos outros e seguem mesmo eixo horizontal; surge aí ainda a associação de um motivo antropomorfo de categoria II a um motivo de categoria XIII. Na Área B a quase totalidade dos motivos gravados segue o eixo vertical e as associações figurativas ocorrem apenas entre dois antropomorfos da categoria II, um antropomorfo de categoria III e um motivo semi-circular (categoria VII).

O perfil dos motivos gravados é em “U” e foi utilizada a técnica de picotagem para gravação – Figura 22.

Na Rocha 3 são os motivos antropomórficos de categorias II e III e subcategoria Vb que são representados em maior número, atingido 67,8%. No conjunto da Botelhinha é terceira rocha com mais motivos gravados (7,4%). No entanto, diversidade tipológica dos motivos gravados é reduzida.

Rocha 4

A Rocha 4 da Botelhinha é um afloramento rochoso aplanado, com um painel gravado (PH-R4) dividido por uma fissura natural, genericamente orientada no sentido N-S.

Do ponto de vista morfológico a Rocha 3 tem forma sub-rectangular, com cerca de 2,20 metros de eixo maior e 0,60 metros de eixo menor, genericamente orientada no sentido E-O. Tem um perfil variável, ascendente de Este para Oeste e as marcas de erosão são visíveis. Esta rocha tem grão de calibre médio/elevado, tais como as outras do conjunto. Esta localizada a Norte da Rocha 3, a uma distância de 30 a 50 cm.

São poucos os motivos gravados neste painel e pela primeira vez em todo o conjunto são os motivos de subcategoria Va os mais recorrentes (Quadro 6).

Segue-se então a caracterização e análise do painel.

Painel Horizontal (PH-R4): painel horizontal, de perfil sinuoso, orientado genericamente no sentido E-O. São muito poucos os motivos gravados neste painel resumindo-se a 2 antropomorfos de categoria II, 5 motivos subcirculares da subcategoria Va (associados a covinhas) e um motivo tipo “ferradura” de categoria VII. Surge ainda um motivo indefinido, da categoria XI, e duas covinhas da subcategoria IXa. Neste painel a incidência de luz solar directa ocorre praticamente ao longo de todo o dia. A distribuição das figuras ocorre em dois planos seccionados pela fissura natural do afloramento. Assim, no plano Este, onde ocorrem apenas motivos da categoria V e VII, as gravuras ajustam-se organicamente às proporções do painel natural; o plano Oeste concentra os motivos antropomorfos no seu limite superior. Não ocorrem associações figurativas mas parece-nos que, a Sul, um motivo subcircular está relacionado com 2 covinhas que o parecem limitar. O perfil dos motivos gravados é geralmente em “U” e foi utilizada a técnica de picotagem para gravação – Figura 23.

Quadro 5
Distribuição dos motivos nos painéis da Rocha 3

Painel / Categoria		PL0-R3	PLN-R3	PH-R3	Total %
I	Ia	0	0	0	0 0,0%
	Ib	0	0	0	0 0,0%
II		0	0	3	3 9,7%
III		2	1	11	15 48,4%
	IIIa	0	0	0	0 0,0%
IV	IVa	0	0	2	0 0,0%
	IVb	0	0	1	0 0,0%
V	Va	1	0	0	1 3,2%
	Vb	3	0	0	3 9,7%
	Vc	0	0	0	0 0,0%
VI		0	0	0	0 0,0%
VII		0	0	3	3 9,7%
VIII		1	0	1	2 6,5%
IX	IXa	0	0	0	0 0,0%
	IXb	0	0	0	0 0,0%
X	Xa	0	0	0	0 0,0%
	Xb	0	0	0	0 0,0%
XI		0	0	0	0 0,0%
XII		0	0	0	0 0,0%
XIII		0	0	0	0 0,0%
XIV	XIVa	0	0	0	0 0,0%
	XIVb	0	0	0	0 0,0%
XV		0	1	3	4 12,9%
XVI		0	0	0	0 0,0%
TOTAL %		7 22,6%	3 9,7%	21 67,7%	31 100%

Quadro 6
Distribuição dos motivos nos painéis da Rocha 4

Painel / Categoria		PH-R4	Total %
I	Ia	0	0 0,0%
	Ib	0	0 0,0%
II		2	2 18,2%
III		0	0 0,0%
	IIIa	0	0 0,0%
IV	IVa	0	0 0,0%
	IVb	0	0 0,0%
V	Va	5	5 45,5%
	Vb	0	0 0,0%
	Vc	0	0 0,0%
VI		0	0 0,0%
VII		1	1 9,1%
VIII		0	0 0,0%
IX	IXa	2	2 18,2%
	IXb	0	0 0,0%
X	Xa	0	0 0,0%
	Xb	0	0 0,0%
XI		1	1 9,1%
XII		0	0 0,0%
XIII		0	0 0,0%
XIV	XIVa	0	0 0,0%
	XIVb	0	0 0,0%
XV		0	0 0,0%
XVI		0	0 0,0%
TOTAL %		11 100%	11 100%

No total de motivos gravados neste painel são os motivos subcirculares fechados que ocorrem com mais frequência (45,5%), seguindo-se, com % igual, os motivos antropomorfos da categoria II (18,2%) e as covinhas, da categoria IX (18,2%). No conjunto da Botelhinha é uma das rochas que menos figuras contém, representando apenas 2,6% do total.

Rocha 5

A designada Rocha 5 da Botelhinha integra a massa rochosa de base encontra-se em elevado estado de meteorização nas zonas expostas a Sul.

Do ponto de vista morfológico tem perfil muito variável e sinuoso. Os motivos gravados são numericamente poucos (Quadro 7) e parecem marcar o limite do conjunto, a Poente, num pequeno painel horizontal que antecede a cadência rochosa da “crista” em direcção ao vale e às linhas de água que lhe estão associadas. Segue-se então a caracterização e análise do painel gravado.

Painel Horizontal (PH-R5): Painel sub-horizontal de pequenas dimensões de perfil sinuoso. Os motivos “gravados” reduzem-se a 9 covinhas que parecem ser de formação natural, associadas a um motivo antropomorfo de categoria III, criando assim uma figura antropomorfa dinâmica, ou seja, em movimento, que delimita a Poente o conjunto da Botelhinha. Esta figura antropomorfa parece ter os “braços” apontados para elementos verticais (armas? bastões, “outros objectos”), sendo que do lado esquerdo temos uma figura de “bastão” da categoria XIVb e, do lado direito, um alinhamento vertical de covinhas profundas, duas ligadas. Estas podem ser, como se disse, naturais, ou somente algo avivadas, no sentido de conseguir a composição pretendida. O perfil dos motivos gravados é geralmente em “U” e foi utilizada a técnica de picotagem para gravação – Figura 24.

Nesta rocha são as covinhas que criam a composição figurativa neste painel, representado 81,9% dos motivos aqui gravados, apesar de acharmos que estas não são de natureza antrópica.

Rocha 6

A denominada Rocha 6 da Botelhinha é um bloco granítico, solto, mas de mobilização praticamente impossível, pousado sobre a massa rochosa de base, de perfil muito irregular, com cerca de 1,30 metros de eixo maior e 1,40 metros de eixo menor onde distinguimos apenas um painel gravado, no plano horizontal (PH-R6). A delimitação deste painel foi feita pelas arestas principais da rocha. Tal como nas outras rochas o grão é calibre médio/elevado e as marcas de erosão são visíveis. Em termo de conjunto, esta Rocha está localizada a Norte da Rocha 4, numa posição pouco destacada e diferenciada podendo-se-lhe atribuir um grau de importância mais reduzido – Figura 25.

Segue-se então a caracterização e análise do painel gravado.

Painel Horizontal (PH-R6): Este painel, sub-horizontal, está voltado sensivelmente para SSE, para o conjunto principal. Apresenta apenas dois motivos gravados de categoria III (Quadro 8). Não há qualquer associação entre eles. A técnica de gravação utilizada parece ter sido a de picotagem e posterior abrasão.

Rocha 7

A Rocha 7 da Botelhinha é um bloco granítico, solto, móvel onde é possível visualizar um painel lateral gravado (no plano vertical), o único no que respeita à possibilidade de gravação (PLE-R7), voltado sensivelmente para Este. Tem forma sub-rectangular e o topo bem como os planos laterais estão completamente meteorizado devido à erosão. Está localizada a sul da Rocha 5 e tem 6 motivos gravados de 4 tipologias diferentes (Quadro 9).

Quadro 7
Distribuição dos motivos nos painéis da Rocha 5

Painel / Categoria		PH-R5	Total %
I	Ia	0	0 0,0%
	Ib	0	0 0,0%
II		0	0 0,0%
III		1	1 9,1%
	IIIa	0	0 0,0%
IV	IVa	0	0 0,0%
	IVb	0	0 0,0%
V	Va	0	0 0,0%
	Vb	0	0 0,0%
	Vc	0	0 0,0%
VI		0	0 0,0%
VII		0	0 0,0%
VIII		0	0 0,0%
IX	IXa	7	7 63,7%
	IXb	2	2 18,2%
X	Xa	0	0 0,0%
	Xb	0	0 0,0%
XI		0	0 0,0%
XII		0	0 0,0%
XIII		0	0 0,0%
XIV	XIVa	0	0 0,0%
	XIVb	1	1 9,1%
XV		0	0 0,0%
XVI		0	0 0,0%
TOTAL %		11 100%	11 100%

Quadro 8
Distribuição dos motivos nos painéis da Rocha 6

Painel / Categoria		PH-R6	Total %
I	Ia	0	0 0,0%
	Ib	0	0 0,0%
II		0	0 0,0%
III		2	2 100%
	IIIa	0	0 0,0%
IV	IVa	0	0 0,0%
	IVb	0	0 0,0%
V	Va	0	0 0,0%
	Vb	0	0 0,0%
	Vc	0	0 0,0%
VI		0	0 0,0%
VII		0	0 0,0%
VIII		0	0 0,0%
IX	IXa	0	0 0,0%
	IXb	0	0 0,0%
X	Xa	0	0 0,0%
	Xb	0	0 0,0%
XI		0	0 0,0%
XII		0	0 0,0%
XIII		0	0 0,0%
XIV	XIVa	0	0 0,0%
	XIVb	0	0 0,0%
XV		0	0 0,0%
XVI		0	0 0,0%
TOTAL %		2 100%	2 100%

Segue-se então a caracterização e análise do painel gravado.

Painel Lateral Este (PLE-R7): painel gravado de pequenas dimensões, com cerca de 0,40 metros de eixo maior e 0,13 cm de eixo menor. Apresenta 2 “figuras” que resultam de associações: uma entre um cruciforme da categoria III e um antropomorfo em “phi” (categoria XII); outra entre um cruciforme da categoria III e uma figura subquadrangular de categoria Ib. A primeira associação desenvolve-se segundo o eixo menor da rocha a segunda no eixo maior. Na posição actual da Rocha, a luz incide directamente nos motivos com o sol nascente e prolonga-se até meio ao meio da tarde. A gravação foi realizada pela técnica de picotagem e as gravuras têm perfil em “U” – Figura 26.

Rocha 8

A Rocha 8 da Botelhinha é uma pequena saliência da rocha base, com cerca de 70cm de comprimento, onde é possível visualizar um painel subvertical gravado, genericamente orientado para SE (PLE-R8). As marcas de erosão são notórias no painel gravado. Os motivos gravados resumem-se a antropomorfos de categoria II e III (Quadro 10).

Segue-se então a caracterização e análise do painel gravado.

Painel Lateral Este (PLE-R8): Este painel, de perfil pouco sinuoso apresenta apenas três motivos antropomorfos gravados, sendo dois da categoria II (um deles também poderia ser considerado como um “projecto” de um cruciforme complexo de categoria XV, mas como consideramos que tal figura contempla um eixo vertical e três horizontais, optou-se por a incluir na categoria II) e 1 da categoria III. A luz incide directamente nos motivos com o sol nascente e prolonga-se até meio ao meio da tarde. Entre os motivos, em “U” – Figura 27.

Rocha 9

A Rocha 9 da Botelhinha é um bloco granítico solto, móvel, de forma e secção subtriangular, com uma chanfradura natural na base. Está actualmente posicionada entre a Rocha 2, e 4 e o painel gravado (PL-R9) está voltado para Nascente. Relativamente aos motivos gravados, estes são muito ténues e a sua visualização só foi possível através da projecção de um foco de luz rasante artificial. A rocha tem cerca de 1 metro de eixo maior e 0,60 metros de eixo menor. Esta rocha tem grão de calibre médio/elevado, tal como as outras do conjunto e são visíveis marcas de erosão. Os motivos gravados nesta rocha são maioritariamente inseríveis na categoria Va, representando 66,7% do total de motivos (Quadro 11).

Segue-se então a caracterização e análise do painel gravado.

Painel Lateral Nascente (PLN-R9): este painel, de perfil pouco sinuoso apresenta cerca de uma dezena de motivos gravados, sendo essencialmente da categoria Ia (1 motivo), da categoria Va (6 motivos), da categoria IXa (1 motivo) e da categoria XI ou eventualmente da categoria Xb (1 motivo). A distribuição dos motivos no painel não é homogénea, verificando uma ocupação essencialmente central, e em dupla banda. A gravação foi realizada pela técnica de picotagem e as gravuras têm perfil em “U” – Figura 28.

Rocha 10

A Rocha 10 tem forma sub-rectangular, com cerca de 1 metro de eixo maior e 0,60 metros de eixo menor, genericamente orientada no sentido E-O. Tem um perfil variável, com tendência côncava na parte central, com pendente para Oeste. Esta rocha tem grão de calibre médio/elevado, tal como as outras do conjunto. Na base existe uma cavidade natural provocada pela erosão.

Quadro 9
Distribuição dos motivos nos painéis da Rocha 7

Painel / Categoria		PLE-R7	Total %
I	Ia	0	0 0,0%
	Ib	1	1 25%
II		0	0 0,0%
III		2	2 50%
	IIIa	0	0 0,0%
IV	IVa	0	0 0,0%
	IVb	0	0 0,0%
V	Va	0	0 0,0%
	Vb	0	0 0,0%
	Vc	0	0 0,0%
VI		0	0 0,0%
VII		0	0 0,0%
VIII		0	0 0,0%
IX	IXa	0	0 0,0%
	IXb	0	0 0,0%
X	Xa	0	0 0,0%
	Xb	0	0 0,0%
XI		0	0 0,0%
XII		1	1 25%
XIII		0	0 0,0%
XIV	XIVa	0	0 0,0%
	XIVb	0	0 0,0%
XV		0	0 0,0%
XVI		0	0 0,0%
TOTAL %		4 100%	4 100%

Quadro 10
Distribuição dos motivos nos painéis da Rocha 8

Painel / Categoria		PLE-R8	Total %
I	Ia	0	0 0,0%
	Ib	0	0 0,0%
II		2	2 75%
III		0	0 0,0%
	IIIa	0	0 0,0%
IV	IVa	0	0 0,0%
	IVb	0	0 0,0%
V	Va	0	0 0,0%
	Vb	0	0 0,0%
	Vc	0	0 0,0%
VI		0	0 0,0%
VII		0	0 0,0%
VIII		0	0 0,0%
IX	IXa	0	0 0,0%
	IXb	0	0 0,0%
X	Xa	0	0 0,0%
	Xb	0	0 0,0%
XI		0	0 0,0%
XII		0	0 0,0%
XIII		0	0 0,0%
XIV	XIVa	0	0 0,0%
	XIVb	0	0 0,0%
XV		1	1 25%
XVI		0	0 0,0%
TOTAL %		3 100%	3 100%

Quadro 11
Distribuição dos motivos nos painéis da Rocha 9

Painel / Categoria		PLN-R9	Total %
I	Ia	1	1 11,1%
	Ib	0	0 0,0%
II		0	0 0,0%
III		0	0 0,0%
	IIIa	0	0 0,0%
IV	IVa	0	0 0,0%
	IVb	0	0 0,0%
V	Va	6	6 66,7%
	Vb	0	0 0,0%
	Vc	0	0 0,0%
VI		0	0 0,0%
VII		0	0 0,0%
VIII		0	0 0,0%
IX	IXa	1	1 11,1%
	IXb	0	0 0,0%
X	Xa	0	0 0,0%
	Xb	1(?)	1(?) 11,1%
XI		1(?)	1(?) 11,1%
XII		0	0 0,0%
XIII		0	0 0,0%
XIV	XIVa	0	0 0,0%
	XIVb	0	0 0,0%
XV		0	0 0,0%
XVI		0	0 0,0%
TOTAL %		9 100%	9 100%

Tal como a Rocha 9, em que, no que respeita à mobilidade, as características físicas são semelhantes, apenas existe um painel gravado no plano subvertical, de secção ligeiramente côncava (PL-R10), o qual está actualmente voltado sensivelmente a Poente. A rocha localiza-se a cerca de 3 metros NNE da Rocha 1, num plano altimétrico ligeiramente inferior. Porém, porque se trata de uma rocha solta este é um pormenor de pouca relevância.

Painel Lateral Oeste (PLO – R10): O painel apresenta apenas 4 motivos gravados, da categoria III (Quadro 12). A distribuição dos mesmos no painel é praticamente homogênea. Não existem associações figurativas. A luz incide directamente nos motivos com o sol de fim de tarde. A gravação foi realizada pela técnica de picotagem e as gravuras têm perfil em “U” – Figura 29.

Rocha 11

A Rocha 11 é um elemento granítico solto, facilmente movível, com forma sub-rectangular, e secção ligeiramente ovalada; o granito é de grão de calibre baixo/médio. Tem cerca de 40 cm de eixo maior e 28 cm de eixo menor. A área gravada tem perfil praticamente aplanado e é possível visualizar dois motivos tenuemente gravados (Quadro 13): uma quadrícula segmentada da categoria Ib associada a um motivo antropomorfo de categoria III, à semelhança do que acontece na Rocha 7 – Figura 30.

Rocha 12

A Rocha 12 é igualmente um elemento solto, facilmente movível, em granito, de forma sub-rectangular, e secção ligeiramente ovalada; o granito é de grão de calibre médio/elevado. Tem cerca de 17,5cm de eixo menor e 26,5cm de eixo maior. A área gravada tem perfil praticamente aplanada e é possível visualizar apenas um motivo gravado (Quadro 14): motivo antropomorfo de tipo cruciforme de categoria III. Esta rocha parece estar relacionada com a organização de território em tempos medievais ou posteriores, sendo provavelmente uma marca de termo uma vez que a encontramos na periferia do conjunto da Botelhinha – Figura 31.

Quadro 12
Distribuição dos motivos nos painéis da Rocha 10

Painel / Categoria		PL0-R10	Total %
I	Ia	0	0 0,0%
	Ib	0	0 0,0%
II		0	0 0,0%
III		0	0 0,0%
	IIIa	4	4 100%
IV	IVa	0	0 0,0%
	IVb	0	0 0,0%
V	Va	0	0 0,0%
	Vb	0	0 0,0%
	Vc	0	0 0,0%
VI		0	0 0,0%
VII		0	0 0,0%
VIII		0	0 0,0%
IX	IXa	0	0 0,0%
	IXb	0	0 0,0%
X	Xa	0	0 0,0%
	Xb	0	0 0,0%
XI		0	0 0,0%
XII		0	0 0,0%
XIII		0	0 0,0%
XIV	XIVa	0	0 0,0%
	XIVb	0	0 0,0%
XV		0	0 0,0%
XVI		0	0 0,0%
TOTAL %		4 100%	4 100%

Quadro 13
Distribuição dos motivos nos painéis da Rocha 11

Painel / Categoria		P1-R11	Total %
I	Ia	0	0 0,0%
	Ib	1	1 50%
II		0	0 0,0%
III		1	1 50%
	IIIa	0	0 0,0%
IV	IVa	0	0 0,0%
	IVb	0	0 0,0%
V	Va	0	0 0,0%
	Vb	0	0 0,0%
	Vc	0	0 0,0%
VI		0	0 0,0%
VII		0	0 0,0%
VIII		0	0 0,0%
IX	IXa	0	0 0,0%
	IXb	0	0 0,0%
X	Xa	0	0 0,0%
	Xb	0	0 0,0%
XI		0	0 0,0%
XII		0	0 0,0%
XIII		0	0 0,0%
XIV	XIVa	0	0 0,0%
	XIVb	0	0 0,0%
XV		0	0 0,0%
XVI		0	0 0,0%
TOTAL %		2 100%	2 100%

Quadro 14
Distribuição dos motivos nos painéis da Rocha 11

Painel / Categoria		P1-R12	Total %
I	Ia	0	0 0,0%
	Ib	0	0 0,0%
II		0	0 0,0%
III		1	1 100%
	IIIa	0	0 0,0%
IV	IVa	0	0 0,0%
	IVb	0	0 0,0%
V	Va	0	0 0,0%
	Vb	0	0 0,0%
	Vc	0	0 0,0%
VI		0	0 0,0%
VII		0	0 0,0%
VIII		0	0 0,0%
IX	IXa	0	0 0,0%
	IXb	0	0 0,0%
X	Xa	0	0 0,0%
	Xb	0	0 0,0%
XI		0	0 0,0%
XII		0	0 0,0%
XIII		0	0 0,0%
XIV	XIVa	0	0 0,0%
	XIVb	0	0 0,0%
XV		0	0 0,0%
XVI		0	0 0,0%
TOTAL %		1 100%	1 100%

5. LINHAS DE FORÇA RELATIVAS À ANÁLISE DO OUTEIRO COM ARTE RUPESTRE DA BOTELHINHA

5.1. O conjunto fixo de Rochas e o conjunto de Rochas móveis

Neste conjunto rupestre as Rochas fixas 1,2 e 3 – que ocupam uma posição física central dada pelo volume e morfologia da Rocha 1 –, são também aquelas que detêm mais quantidade e variedade tanto de motivos como de “associações de motivos”. As Rochas fixas 4,5 e 8 prolongam fisicamente e iconograficamente este conjunto para Oeste.

A Rocha 1 é simultaneamente aquela que inicia o conjunto, a Leste, pois a Rocha 10 já é um bloco solto gravado com cruciformes cujo aspecto sugere claramente marcas de cristianização (ver abaixo, Figura 29). Do lado Oeste seria a Rocha 5 que marcaria o limite físico deste conjunto rupestre gravado.

As Rochas soltas ou móveis n.º 7,9,10,11 e 12 poderiam ter ocupado qualquer posição e lugar no conjunto da imagética do Outeiro de acordo com as intenções do momento, ou seja, de acordo com a exposição e/ou percursos pretendidos no decurso de eventuais actos sociais (de carácter mais ritual e/ou cerimonial⁵). Os cruciformes, normalmente de grande dimensão e de extremidades marcadas, gravados também nas Rochas soltas n.º 10 e 12, parecem corresponder a cristianizações que teriam ocorrido em data muito mais recente do que a da fundação do Lugar, sendo que a 12 seja provavelmente uma marca de termo de propriedade.

Mais duvidosos serão os cruciformes das Rochas 7 e 11 cuja associação a figuras quadrangulares segmentadas se repete, a nosso ver, não casualmente em ambas. Cremos que pertencem também ao conjunto mais antigo da Botelhinha, ou seja, ao conjunto que acreditamos ser de raiz pré-histórica, i.e., anterior à cristianização deste Lugar. Estas duas Rochas móveis (7 e 11) têm ainda a particularidade de exhibir os únicos quadrados segmentados⁶ da estação e que aqui se ligam claramente a antropomorfos. No caso da Rocha 7 é ainda um destes antropomorfos que se liga a uma figura talvez similar ao quadrado, mas mais provavelmente a uma figura esquemática em *phi* (tal como já acontecia também no painel horizontal da Rocha 1).

A Rocha móvel 6 e a Rocha fixa 8 exibem antropomorfos de cariz antigo que entram na maioria das restantes rochas, e são peculiares precisamente devido a esse pormenor: o de conterem somente cruciformes/antropomorfos simples. Temos assim uma rocha móvel e uma fixa (situadas na extremidade oeste do conjunto) que resumem a natureza do conjunto rupestre: este seria formado de rochas fixas e móveis, tendo como elemento dominante os cruciformes/antropomorfos simples, de cariz antigo.

Por fim, a Rocha móvel 9 é a única que só exhibe um pequeno antropomorfo/cruciforme (categoria III), sendo marcada principalmente por motivos derivados do círculo (subcategoria Vb, e categoria VII) e por uma espécie de “escaleriforme” (ainda inserível, para nós na cat. Ia) que é simultaneamente a única figura desta natureza em toda a estação.

Em termos analítico-interpretativos do conjunto fixo de rochas podemos colocar a hipótese de um dos painéis da Rocha 1 – no extremo Leste – ou da Rocha 5 – no extremo Oeste – poderiam ter marcado imageticamente as eventuais “fronteiras exteriores”, ou mesmo um “início de leitura”. Realmente, no conjunto fixo, verifica-se um incremento na quantidade e variedade de motivos quando nos dirigimos da Rocha 5 para a 1 (passando pela 4, 3 e 2), ou o contrário, uma diminuição quando nos dirigimos da Rocha 1 para a 5. Porém, a Rocha 5 só tem um painel e a

⁵ Utilizamos estes termos somente para um melhor entendimento. Na realidade, em sociedades pré-históricas, como cremos que foram aquelas que criaram a Botelhinha, não haverá distinção entre sagrado e profano, entre actos sagrados e menos “sagrados” (rituais e cerimoniais e não rituais...), sendo que a sua distinção deveria fazer-se a partir do interior da comunidade, da carga que esta lhe atribuíra. Estamos assim perante acções que obedecem não a uma racionalidade dualista, mas a uma racionalidade múltipla onde nos é impossível distinguir as gradações de sentido bem como toda a carga vivencial que aquelas sociedades lhe atribuíam.

⁶ Um eventual quadrado segmentado, ou círculo segmentado interiormente, surge no painel horizontal da Rocha 2, mas trata-se aqui de uma figura muito pouco clara em termos identificativos.

Rocha 1 tem 10. Assim, no caso da Rocha 1, com painéis exteriores, interiores, verticais, horizontais, torna-se difícil perceber qual ou quais os painéis em causa.

Porém, dado que o conjunto se desenvolve no sentido Leste Oeste, vemos que no extremo Leste da Rocha 1 temos o painel lateral nascente – PLN-R1 –, em posição vertical, voltado à paisagem aberta da bacia depressionária de Mirandela, com uma assinalável variedade de motivos. Destacam-se aí 2 antropomorfos ictifálicos, uma figura em phi/bucrânio e um “par” de antropomorfos de mãos dadas, sendo que estes motivos nomeados são únicos em toda a estação⁷. Temos ainda neste painel uma figura sub-rectangular antropomorfizada (Ia) que só se virá a repetir outra vez precisamente nesta mesma rocha, num painel horizontal principal (PH-R1), bem como no mais destacado painel da Rocha 2 – o painel horizontal (PH-R2). Aliás, este painel nascente da Rocha 1 – PLN-R1 – faz parte do conjunto dos 6 painéis mais complexos da Botelhinha que se distribuem pelas Rochas 1, 2 (já nomeados) e mesmo pela Rocha 3, como indicaremos adiante.

Se procuramos um “contraponto” ao painel da Rocha 5, situado no extremo Oeste, então parece-nos que o ponto de comparação não seria o atrás descrito painel Lateral nascente (Rocha 1) mas antes os painéis Norte 1 e 2 da Rocha 1.

Estes exibem os motivos dominantes neste Lugar – cruciformes/antropomorfos (categoria III). No painel Norte 1 temos, além disso, cruciformes “associados” a círculos não fechados (“feraduras”), (III+VII), sendo que um destes cruciformes/antropomorfo está “associado”, ou “segura” um “artefacto”(III+Xb), sendo aceitável também a associação III+Xb+VII. Trata-se de uma associação precisamente similar àquela da Rocha fixa 5.

Na Rocha 5 um antropomorfo dinâmico, de cabeça bem marcada e de pernas em V muito aberto, indicando, pela sinalização do pé esquerdo, que “caminha” em direcção a Norte ou Nordeste. Desse lado parece segurar (ou é ladeado por) um “objecto encabado” (III+XIVb) bem maior do que ele, e, do outro, é antecedido dum alinhamento vertical de covinhas (III+XIVb+ IXa e b) (Figuras 25 e 39). Refira-se que um grande número, senão a totalidade, destas covinhas são depressões naturais circulares, bastante largas e fundas, que foram como que “adaptadas” a esta composição (naturalmente, também podem ter sido elas a sugerir a composição).

Se é plausível que estes extremos do Outeiro se relacionem em termos iconográficos através de antropomorfos que “securam” objectos alongados presentes na Rocha 5 e da Rocha 1, através das “associações” – III+Xb ou III+XIVb – devemos acrescentar que nesta última rocha dois outros painéis exteriores, além do PN1-R1 (Figuras 4, 5 e 6) – os painéis PLSS-R1 e PLSI-R1 (Figuras 4, 11 e 12) – exibem as restantes 2 das 4 que contámos na Botelhinha.

O mais acertado então é pensar que os 4 painéis verticais exteriores da Rocha 1 – dois voltados a Norte e dois voltados Sul –, marcariam, pela “posição e pela associação” – III+Xb – o contorno exterior Leste do conjunto, sendo que o contorno Oeste se materializaria na Rocha 5 (com III+XIVb). Aliás, estes 4 painéis da Rocha 1 são tematicamente similares embora se distingam do ponto de vista compositivo.

Nesta estação dominam, como dissemos antes, os motivos antropomorfos ou outras figuras antropomorfizadas, sendo que o mais elevado número corresponde a cruciformes de variados tamanhos, sendo organizados entre si e com outros motivos de formas muito variadas. Há casos mesmo de painéis de rochas fixas que só contêm cruciformes, a saber: Rocha 1 – Painel Norte 2; Rocha 3 – Painel Norte e Rocha 8 (painel único). No grupo das rochas móveis destaca-se a Rocha 6 cujos cruciformes parecem de configuração mais antiga, provavelmente de origem pré-histórica (por oposição às rochas móveis 10 e 12 que também contêm cruciformes, mas de aspecto mais recente). O elemento “cruciforme” tem assim relevo dominante em toda a estação ao ponto de podermos dizer que só há uma rocha móvel sem cruciformes – Rocha 9 –, e uma rocha fixa – Rocha 4 –, cujo painel horizontal também não possui cruciformes.

⁷ Na Rocha 3, no painel horizontal pode estar também um outro “par” de antropomorfos, mas não estamos seguros desta última identificação.

5.2. Valorização do espaço e do tempo na Botelhinha

Na valorização dos motivos, baseada na articulação entre estes e o espaço gravado, podemos seguir várias linhas de análise na busca quer de sentidos possíveis (sendo que uma foi já exposta em 5.1.), quer da cronologia, quer ainda da duração (temporalidade) do Outeiro da Botelhinha.

Até aqui expusemos as ideias que decorrem até de uma análise simples.

Resumidamente, procedemos à valorização do conjunto fixo de rochas, particularmente àquele composto pelas Rochas 1,2 e 3, que se dispõem ligeiramente em arco aberto a Sul-Sudeste, usufruindo aí de um alargado espaço plano, vazio de rochas, que se prolonga pelo topo do Outeiro aplanado (Figura 3). São estas 3 rochas (do “Arco 1”) que exibem a maior diversidade de motivos, particularmente a Rocha 1, com os seus 10 painéis, 2 dos quais são interiores.

Frisemos ainda que é nas rochas deste “Arco 1” que se concentram os 6 painéis mais complexos de toda a estação (que exibem 6 ou mais categorias de motivos): Rocha 1 – Painel Lateral Nascente; painel Horizontal (exterior), Painel Horizontal (interior), Rocha 2 – Painel Horizontal e Painel Lateral Norte, Rocha 3 – Painel Horizontal.

As Rochas 4, 5 e 8 formam como que outro alinhamento em arco (“Arco 2”), contíguo ao primeiro, mas menos “aberto” do que este (aberto a Sul), prolongando-se o seu espaço também pelo topo do Outeiro aplanado, quer dizer, partilhando do mesmo espaço aberto do arco referido anteriormente (Figura 3). No entanto, estas 3 últimas Rochas fixas exibem uma quantidade e variedade muito escassa de motivos (entre 1 e 4 categorias de motivos). Salvaguardando a composição da Rocha 5, já descrita atrás (Figura 24), as Rochas 4 e 8 só contêm muito poucos motivos cruciformes/antropomorfos (particularmente a Rocha 8, cujo Painel Vertical se vira para o centro deste arco) e motivos subcirculares abertos ou fechados (particularmente a Rocha 4).

Articuladas com estes “dois arcos 1 e 2” de Rochas gravadas fixas – arcos tangentes, e contíguos e orientados na mesma direção –, deviam figurar aquelas móveis – Rochas 7,9 e 11⁸ – com seus motivos e associações que se poderiam adaptar a qualquer posição, ou seja, criarem um papel/função específicos somente quando adaptadas espacialmente ao conjunto fixo.

A configuração dos motivos destas 4 rochas móveis levam-nos a inclui-las no conjunto mais antigo, embora coloquemos também a possibilidade de os cruciformes da Rocha 7, na sua forma final (associados com os motivos “anteriores”), terem resultado da adaptação do sítio aos ideais da cristianização. Sendo assim, esta rocha, juntamente com as Rochas móveis 10 e 11, bem como alguns dos cruciformes da Rocha 1 (PL Nascente-R1; PH-R1), da Rocha 2 (PLS-R2; PH-R2) e dos 3 painéis da Rocha 3, fariam parte de utilizações não pré-históricas (e não proto-históricas) deste local.

A presença de cristianizações que incidem tanto nas rochas mais profusamente gravadas do outeiro, como noutras soltas, induz-nos a pensar numa cristianização mais programada do que aleatória. Usando suportes fixos e móveis, é natural que todo o conjunto tenha sido reinterpretado, prolongando assim a duração física dos motivos mais antigos e a temporalidade do sítio, ainda que agora os significados e/ou concepções de leitura específicas deste conjunto de imagens se possam ter alterado substancialmente.

De qualquer modo, em ambos os tempos, no mais antigo e no mais recente, são as figuras cruciformes que delineiam gráfica (e semanticamente?) o conjunto rupestre. Também no que respeita à delimitação exterior do complexo rupestre, verificou-se uma certa coincidência física entre as rochas dos limites Este e Oeste do Outeiro, bem como nos motivos aí gravados.

⁸ Pois as Rochas 10 e 12 parecem exibir cruces mais recentes.

5.3. Ainda sobre a temática, a cronologia e o tempo na Botelhinha

Relativamente aos motivos devemos desde já acentuar que nos parece que muitos dos motivos gravados nos parecem incompletos mormente nos casos em que estamos perante “desenhos” razoavelmente estandardizados inseríveis no conjunto não só dos motivos da pintura e da gravura esquemática peninsular, mas também nos desta região transmontana:

Pintura: Abrigos da Serra de Passos (Mirandela-Valpaços) (SANCHES, 2002), Buraco da Pala (SANCHES, 1997); As Portas (Valpaços) (BALTAZAR, 2008), Fraga das Passadas (Valpaços) (MESQUITA, 2008) Pala Pinta (Alijó) (SOUSA, 1989), Cachão da Rapa (Carrazeda de Ansiães), Penas Roíãs (Mogadouro) (SANCHES, 1992); *Gravura:* Fraga das Passadas (Valpaços); Lombinho das Cruzes-Bouçoais (Valpaços) (BALTAZAR, 2008); Fraga das Ferraduras de Ribalonga (PEREIRA& LOPES, 2005), Fraga das Ferraduras de Linhares (SANTOS JÚNIOR&AZEVEDO, 1961), Tripe (Chaves) (BAPTISTA 1983-84), Outeiro Machado (Chaves) (SANTOS JUNIOR, 1978), Lamelas (Ribeira de Pena) (M. SOUSA, 2008). Por sinal, muitos destes motivos aparecem também em esteios de monumentos megalíticos quer pintados (Mamoá 1 de Madorras, em Sabrosa) (GONÇALVES & CRUZ, 1994) quer gravados (Mamoá do Castelo, Murça) (SANCHES, NUNES e SILVA, 2005) e que, além de permitirem uma aproximação cronológica, advertem-nos precisamente para a leitura parcelar que muitos conjuntos rupestres mal conservados (particularmente em termos de pintura) implicam. Fernando Carrera adverte precisamente para este facto ao constatar, por ex. que no dólmen Juncal – esteio C2 (2006: lám. 5; fig. 10-11) motivos serpentiformes gravados e pintados formam um só “motivo” (linha serpentiforme). Por sua vez, no Alto Côa, no sítio da Faia 6 são evidentes as diferenças das cabeças dos cavalos paleolíticos se aí não se tivesse conservado também a pintura a vermelho (BAPTISTA, 1999: 154-157). Na verdade a pintura tanto reforça a gravura (pintura por sobre os sulcos gravados), como prolonga o desenho somente através de traço pintado, tal como acontecia no dólmen de Juncal. É provável, naturalmente, que este modo de desenhar, articulando a pintura com a gravura, que se verifica desde o Paleolítico, tenha tido uma expressão mais corrente na Pré-história do que aquela que o estado de conservação permite atribuir aos diferentes conjuntos gravados.

Nessa medida, a prática de observação da pintura e em geral da arte esquemática que afinal se desenvolve por toda a Península Ibérica, permite que digamos que, em termos de diversidade (mas não de quantidade) estamos perante um conjunto de motivos característicos da arte esquemática, muitos dos quais partilham também com outros motivos os “suportes” dos monumentos megalíticos peninsulares. Porém, dados os regionalismos que frequentemente estes conjuntos gravados e pintados exibem, devemos centrar-nos sobretudo nas temáticas que ocorrem tanto em penedos, como em abrigos, como ainda em monumentos megalíticos.

Enumeramos de seguida os motivos: figuras rectangulares interiormente segmentadas, e neste caso antropomorfizadas (e eventualmente um escaleriforme tosco) (Ia); figuras quadrangulares interiormente segmentadas em 4 partes (Ib); figuras antropomórficas de corpo triangular (IIIa) figuras antropomórficas ictifálicas (IVa); figuras em *phi*/bucrânio (IVb); figuras subcirculares fechadas, simples (Va) ou alongadas, ovóides e por vezes segmentadas interiormente (Vb); motivo triangular, neste caso associado a uma covinha (VIII), covinhas isoladas ou alinhadas (Xa), por vezes ligadas entre si (“alteriforme” Xb), barras ou sulcos simples, curtos (Xa) ou sinuosos e mais compridos (Xb); figuras em *phi* grego simplificado (XII), figura geométrica formada por uma barra horizontal da qual partem 4 ou mais linhas curtas perpendiculares (XIII); utensílio/arma encabada ou bastão, em “T” (XIVa), ou mais complexo na extremidade (XIVb); cruciforme complexo/arboriforme esquemático (XV), possível “oculado” (XVI).

Não por estarem ausentes, mas por serem pouco frequentes, excluímos deste grupo os semi-círculos com covinha no interior ou na zona de fecho (“ferraduras”) e os grandes cruciformes com as partes terminais muito marcadas que cremos serem mais recentes, como dissemos

atrás. Os cruciformes simples ocorrem na pintura esquemática embora sejam aí pouco frequentes; além disso não conhecemos nenhum na pintura esquemática regional. Pelo contrário, estes associam-se predominantemente a conjuntos iconográficos predominantemente gravados como Tripe, Outeiro do Salto, Outeiro Machado e mesmo Lamelas, neste último convivendo com figuras quadrangulares segmentadas interiormente, antropomorfos em *phi* simples e múltiplos, círculos com covinha, serpentiniformes e mesmo idoliformes (SOUSA, M. 2008).

Na realidade, à excepção dos círculos (e dos cruciformes simples, II e III), o motivo com mais importância tanto estatística, como em termos de sobreposições, materializa-se nas figuras sub-circulares abertas – “ferraduras” – associadas ou não a covinhas e que se articulam predominantemente com cruciformes.

Nessa medida, uma avaliação cronológica restrita será pouco fiável. Atendendo somente à cronologia regional dos motivos, diríamos que estamos perante um conjunto rupestre dominado por figuras de cruciformes/antropomorfos, associados ou convivendo com círculos com ou sem covinha central, estes últimos característicos da arte atlântica mas que regionalmente tem expressão clara e dominante no vizinho conjunto rupestre de Lapaças (Valpaços) (TEIXEIRA, 2008).

No entanto, nenhum dos motivos enumerados acima nos conduz só por si a cronologias anteriores ao 3º mil. AC, embora alguns daqueles (motivos Xa, XIII e XIV) tenham expressão nos monumentos megalíticos regionais da segunda metade do IVº milénio AC (SANCHES, neste volume).

Será talvez mais avisado pensar que a Botelhinha é um Lugar rupestre criado por comunidades calcíticas regionais na segunda metade do 3º mil. AC (ou, eventualmente, no início do milénio seguinte) que iconograficamente teriam mantido como tradição iconográfica um elevadíssimo número de motivos esquemáticos, também utilizados por comunidades regionais coevas ou mesmo anteriores. *A dominância dos cruciformes, das “ferraduras”, dos círculos e em geral de figuras antropomorfizadas, parece ser a marca distintiva deste sítio, isto é, o que o torna extremamente original.*

Apesar do aspecto aparentemente “caótico”, nota-se uma certa organização num grande número de painéis, sendo, apesar disso, de supor que talvez nem todos os motivos pré-históricos tenham sido ali colocados *ab initio*. O acrescento de gravuras e de pinturas é um facto documentado em muitos conjuntos rupestres, embora neste caso o grau de meteorização do granito não deixe perceber as devidas relações “estratigráficas” entre os motivos.

A duração deste sítio deve ter-se expandido no tempo, sendo que, em articulação com o povoamento regional, possamos colocar até a hipótese de este sítio de origem calcítica se poder ter mantido até à Idade do Ferro. Naturalmente, não podemos confirmar adequadamente a temporalidade possível, que agora propomos.

Já da nossa Era, embora não saibamos fixar-nos num século particular, será a cristianização do lugar. É provável que neste segundo momento de uso a Botelhinha tivesse até ganho tanta importância como no primeiro, principalmente pelo facto de afinal a ideologia “cristã” já estar evocada através de tão elevado número de cruciformes. Que terá provavelmente sido utilizada como marco de divisória de freguesia, também é possível, mas preferimos falar deste assunto no ponto seguinte.

5.4. A Botelhinha e a relação com o território envolvente: algumas notas

Este ponto remete-nos para uma reflexão sobre implantação do sítio. Verificamos que o Outeiro da Botelhinha segue uma lógica de implantação que parece estar ligada a questões de acessibilidade entre o planalto e o vale, estando a estação implantada numa via natural de acesso ao vale, entre os altos da Botelhinha e da Regaleira e as terras férteis do Regato do Souto. Actualmente esta ligação faz-se através de diversos caminhos em terra batida, muitos dos

quais abertos em meados do século XX, no decurso da implantação de viveiros florestais para exploração de madeiras e resinas. No entanto, achamos que alguns desses caminhos poderão ser mais antigos se considerarmos a proximidade do Outeiro da Botelhinha aos mesmos. Tal acontece em outras estações semelhantes como por exemplo a da Igrejinha, situada a pouco mais de 150 metros da Botelhinha, ou então nas estações da Fraga das Ferraduras de Linhares (SANTOS JÚNIOR & AZEVEDO, 1961: 42 a 62) e Fraga das Ferraduras de Ribalonga (PEREIRA, LOPES, 2005), esta última junto a um caminho antigo que interligava Ribalonga a Cachão da Rapa. No seio desta abordagem, verificamos ainda que algumas estações de ar livre semelhantes à Botelhinha são coincidentes com as actuais circunscrições territoriais de concelhos ou freguesias, o que poderão, em alguns casos, balizá-las (tanto no conjunto de motivos gravados, ou em certos motivos isolados) numa perspectiva cronológica bem mais recente do que possamos achar. Referimo-nos por exemplo às estações da Fraga da Aborraceira e da Fraga das Ferraduras de Ribalonga (PEREIRA & LOPES, 2005) ou então às estações inéditas no extremo Oeste do território transmontano, nomeadamente Reboral e Restes, no concelho de Montalegre (CANINAS & LIMA, 2008) cuja localização é coincidente com os actuais limites de freguesia. No caso do Outeiro da Botelhinha, verificamos que se localiza a mais de 1km dos actuais limites de freguesia entre Carlão, Chã, Santa Eugénia e Ribalonga. No entanto julgamos necessário realizar, a curto prazo, um estudo mais aprofundado sobre organização e divisão do território, uma vez que a freguesia de Pegarinhos pertenceu ao concelho de Murça até 1855 (LEITÃO, 1963: 56). Lembre-se por exemplo que a estação da Igrejinha, tem uma gravura “P”, que poderá corresponder ao termo de Pegarinhos. Do mesmo modo, alguns dos motivos gravados da Botelhinha poderão estar relacionados com esta divisão administrativa, ainda que careçam de confirmação.

AGRADECIMENTOS

Agradece-se muito particularmente à Prof.^a Maria de Jesus Sanches a revisão deste texto, nomeadamente no que concerne ao ponto 5.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, C. A. B., Coordenação (2005) – História do Douro e do Vinho do Porto. História Antiga da Região Duriense, Vol. I, Edições Afrontamento, Porto.
- ALMEIDA, C. A. B. *et. al.* (1997) – Os lagares cavados na rocha do Castelo de Castorigo – Pegarinhos (Alijó). Douro – Estudos & Documentos, vol. II(4), GEHVID, pp. 15-24, Porto.
- ALMEIDA, C. A. F. e MOURINHO A. M. (1981) – Pinturas esquemáticas de Penas Roias, Terra de Miranda, in Arqueologia, 3, GEAP, Porto.
- BALTAZAR, António Manuel Pereira (2008) – *Localização e Descrição de Sítios com Arte Rupestre no Concelho de Valpaços*, Trabalho apresentado no âmbito do Seminário da Licenciatura em Arqueologia, apresentado à FLUP, Porto (2 vols. policopiado).
- BAPTISTA, A. M. (1983-84) – Arte Rupestre de Norte de Portugal. Uma perspectiva, in Portugália, 4-5, n/s, IAFLUP, Porto.
- _____ (1980) – Introdução ao Estudo da arte pré-histórica no Noroeste Peninsular. Gravuras do Gião, in Minia, 2^ª Série, ano III, n.º 3-4.
- _____ (1981) – A arte do Gião, in Arqueologia, n.º 3, GEAP, Porto.
- _____ (1986) – Arte rupestre pós-glaciária. Esquematismo e abstracção. História da Arte em Portugal, vol. I – *Do Paleolítico à Arte Visigótica*, Alfa.

- _____ (1999) – *No Tempo Sem Tempo. A Arte dos Caçadores Paleolíticos do Vale do Côa. Com uma Perspectiva dos Ciclos Rupestres pós-glaciares*, Parque Arqueológico do Vale do Côa.
- CANINAS, João Carlos & LIMA, Alexandre Miguel (2008) – Relatório sobre o Descritor Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnológico do EincA do Parque Eólico do Facho Colmeia, EMERITA para ProcesoI, Engenharia Hidráulica e Ambiental.
- CARRERA, F. (2006) – Arte parietal en monumentos megalíticos del área noroccidental peninsular, in CARRERA, F. E FÁBREGAS, R. Eds., *Arte Parietal en el Noroeste Peninsular. Conocimiento y Conservación*. Santiago de Compostela: Tórculo Editións, p. 61-151.
- GONÇALVES, A. A. Huet de B. & CRUZ, Domingos J. da (1994) – Resultados dos Trabalhos de Escavação da Mamoa 1 de Madorras (S. Lourenço de Ribapinhão, Sabrosa, Vila Real) Actas do Seminário “O Megalitismo no Centro de Portugal”, Viseu, pp. 171-232.
- GOMES, M. Varela (2002) – Arte Rupestre em Portugal – perspectiva sobre o último século, In *Arqueologia e História*, AAP, Vol. 54, pp. 139-194, Lisboa.
- JORGE, V. O. (1996/1997) – Em Torno da Arte Megalítica: revisitando uma visão de 1981, in *Portugália*, 17-19, n/s, IAFLUP, Porto.
- _____ *et. al.*, (1988) – A Fraga d’Aia (Paredes da Beira – S. João da Pesqueira) – arte rupestre e ocupação Pré-histórica, in *TAE*, 28, 1-2, SPAE, Porto.
- _____ *et. al.*, (1988) – O abrigo com pinturas rupestres da Fraga d’Aia – notícia preliminar, in *Arqueologia*, 18, GEAP, Porto.
- _____ (1987) – Arte rupestre em Portugal, in *Arqueologia*, ano 8, n.º 76, Zugarto Ediciones, S.A. Madrid.
- _____ (1986) – O Projecto do campo arqueológico da Serra da Aboboreira (Norte de Portugal): resultados de oito anos de trabalho/Revista da Faculdade de Letras: História, série II, vol. 03, pag. 239-256.
- LEITÃO, Fernando Rodrigues (1969) – Subsídios Psicossociológicos e Históricos do Concelho de Alijó, Luanda: Edição do Autor.
- _____ (1963) – Monografia do Concelho de Alijó, Lisboa
- MARTINS, Manuel José Carvalho (1981) – *O Santuário Rupestre de Lamelas: Ribeira de Pena*, Ribeira da Pena: Câmara Municipal, 40 p.
- MESQUITA, Augusta Maria Vicente da Cunha (2008) – *A Estação Rupestre da Fraga das Passadas (Água de Revés e Crasto – Valpaços). Estudo Preliminar*, Trabalho apresentado no âmbito do Seminário da Licenciatura em Arqueologia, apresentado à FLUP, Porto (policopiado).
- PAIVA, Sérgio Joaquim Ferreira (1996) – Levantamento Arqueológico do Concelho de Alijó, Porto.
- SANCHES, M. J. (1985-86) – O abrigo com pinturas esquemáticas das Fragas da Lapa – Atenor, Miranda do Douro, in *Portugália*, vol. VI/VII, IAFLUP, Porto.
- SANCHES, M. J. & A. G. LEBRE (1986) – O abrigo com arte esquemática da Solhapa – Duas Igrejas, Miranda do Douro, in *TAE*, XXVI, fasc. 1, SPAE, Porto.
- SANCHES, M. J. (1990) – Os abrigos com pintura esquemática da Serra de Passos – Mirandela, no conjunto de arte rupestre desta região. Algumas reflexões, in *Rev. Fac. Letras – História*, 7, 2º, FLUP, Porto.
- _____ (1992) – Pré-história Recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes), *Monografias Arqueológicas* 3, GEAP, Porto.
- _____ (1993) – Les abris peints de Serra de Passos (nord du Portugal) dans l’ensemble de l’art de cette région. Les représentations Humaines du Néolithiques à l’age du Fer, in *Actes do 115ème CTHS*, CTHS, Paris.
- _____ (1994) – Laje de Vale de Juncal (Mirandela) in *Actas do Seminários “Megalitismo no Centro de Portugal”* (Mangualde, Nov. de 1992), Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta.
- _____ (1997) – Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro. O Abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) no contexto regional, SPAE, vol. I & II, Porto.

- _____ (2002) – Spaces for social representation, choreographic spaces and paths in the Serra de Passos and surrounding lowlands (Trás-os-Montes, northern Portugal) in late prehistory, *ARKEOS*, 12, CEIPHAR, pp. 65-105.
- _____ (2005) – Sociedades em mudança. Dos caçadores-recolectores aos mais antigos agricultores, in *História do Douro e do Vinho do Porto. História Antiga da Região Duriense*, Vol. I, Edições Afrontamento, Porto, pp. 80-163.
- SANCHES, M. J.; NUNES, S. A., SILVA, M. S. (2005) – A Mamoa 1 do Castelo (Jou)- Murça (Trás-os-Montes), Resultados dos trabalhos de escavação e de restauro dum dólmen de vestíbulo, *Portugália*, n.ºs, 26, Porto, DCTP-FLUP, pp. 5-47.
- SANCHES, M. J. e PINTO, D. B. (2008 a) – Cronologia e faseamento do Crasto de Palheiros em I, II e II, Cap. A.4. (Parte I) de *O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto)*, *Murça-Portugal*. (Partes I e II num só volume), SANCHES, M. J.- Coord. Científica e editorial/Editor), Município de Murça, Murça, p. 43-53.
- _____ (2008) – Quadro cronológico do Crasto de Palheiros (Chronological charts of Crasto de Palheiros), Cap. A.3. (Parte I) de *O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto)*, *Murça-Portugal*. (Partes I e II num só volume), SANCHES, M. J.- Coord. Científica e editorial/Editor), Município de Murça, Murça, p. 39-42, versão bilingue: português e inglês.
- SANTOS JUNIOR, J. R. (1933) – O abrigo pré-histórico de Pala Pinta, in *TAE*, 6(1), Porto, p. 33-43.
- SOUSA, Luis Miguel Pereira de (2008) – *O Santuário Rupestre de Lamelas*, Trabalho apresentado no âmbito do Seminário da Licenciatura em Arqueologia, apresentado à FLUP, Porto (policopiado).
- SOUSA, O. (1989) – O abrigo de Arte Rupestre da Pala Pinta – Alijó, in *TAE*, 29 (1-4), p. 191-198.
- _____ (1988) – As pinturas rupestres da Mamoa 3 de Chã de Parada – Baião, Notícia Preliminar, *Arqueologia*, 17, Porto p. 119.
- SOUSA, Fernando de & PEREIRA, Gaspar Martins (1988) – *Alto Douro – Douro Superior*, Novos Guias de Portugal, 7, Lisboa.
- SANTOS, André Tomás (2003) – *Uma abordagem Hermenêutica-fenomenológica à arte rupestre da Beira Alta: o caso do Fial (Tondela, Viseu)*, dissertação de Mestrado apresentado à FLUP.
- TEIXEIRA, Joana Coelho de Castro (2007) – *Entre a Gravura e a Escultura: A Estação Rupestre de Lampaça no Contexto da Arte de Ar livre da Região*, Trabalho apresentado no âmbito do Seminário da Licenciatura em Arqueologia, apresentado à FLUP, Porto (2 vols. policopiado).

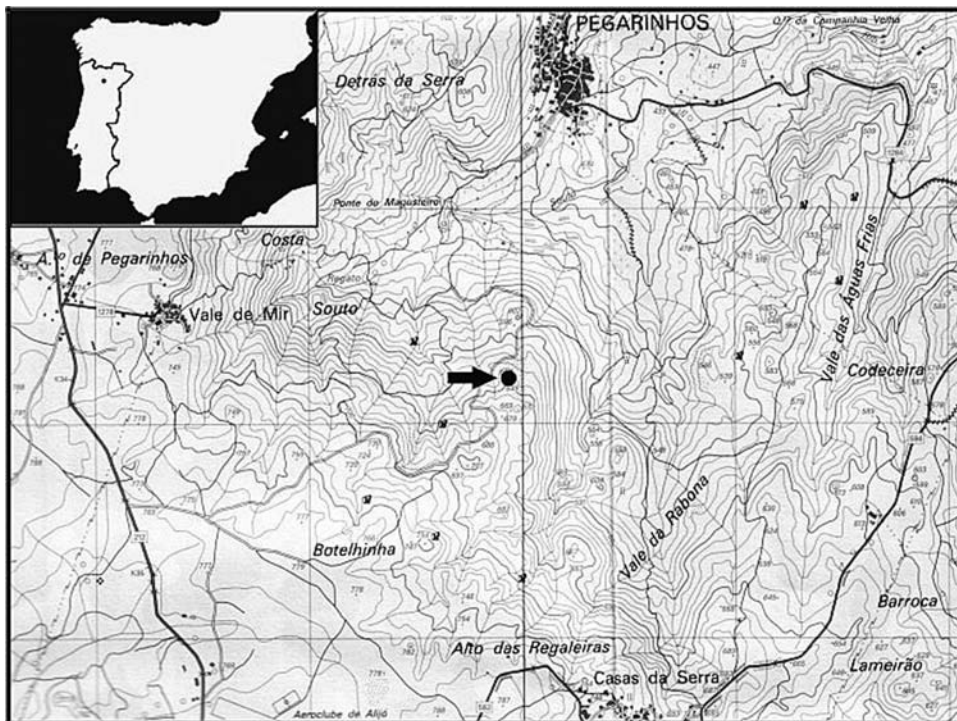


Fig. 1 - Localização do Outeiro da Botelhinha em extracto de carta militar de Portugal, à escala 1:25000, n.º 103

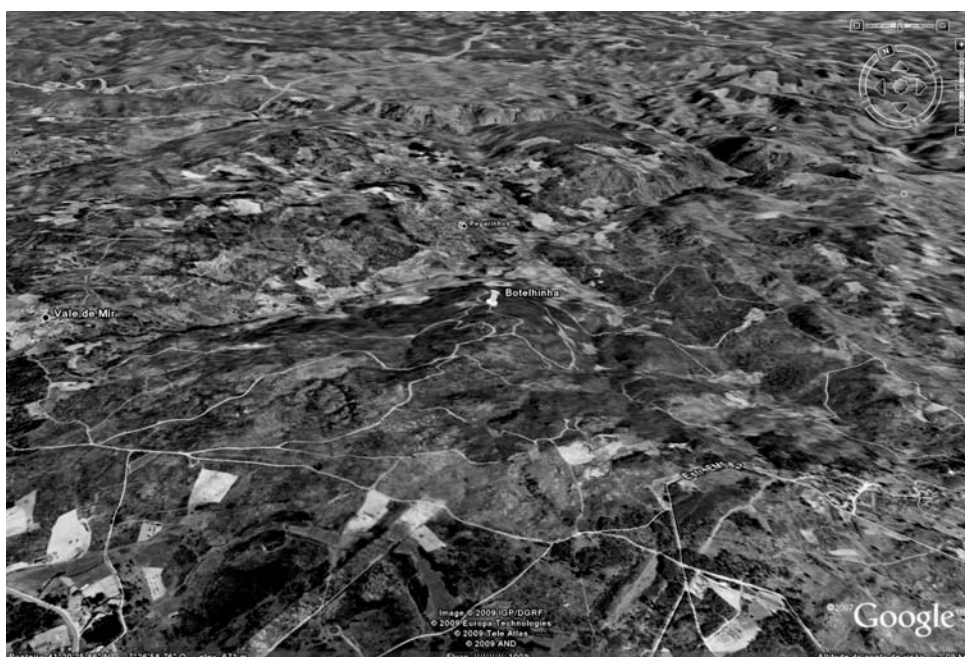


Fig. 2 - Localização do Outeiro da Botelhinha em extracto cartográfico 3D – Fonte Google Earth

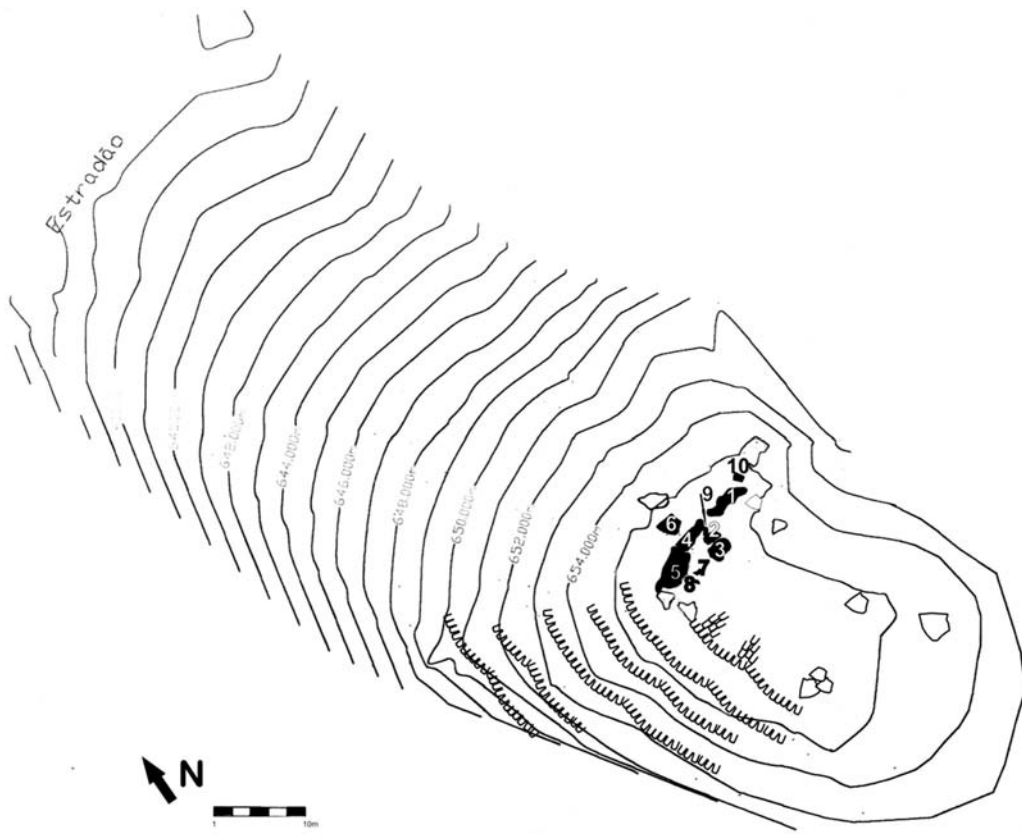


Fig. 3 - Levantamento topográfico do conjunto à escala 1:5000

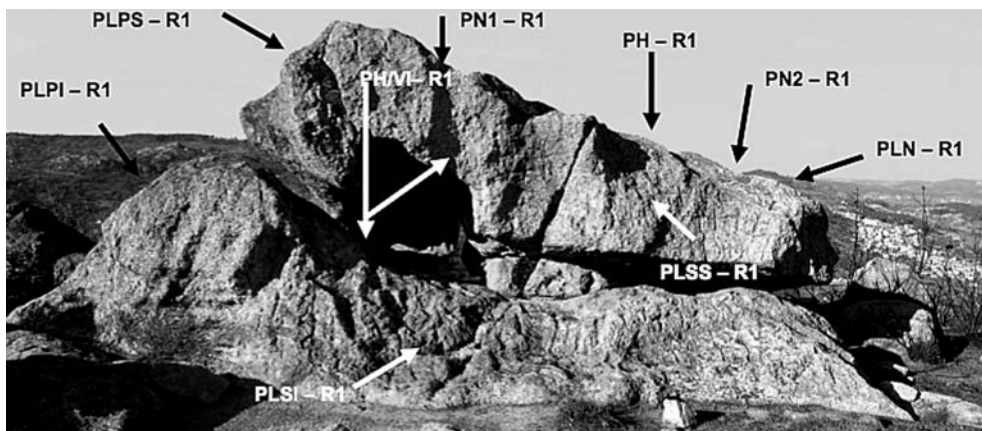


Fig. 4 - Distribuição dos Painéis gravados na Rocha 1

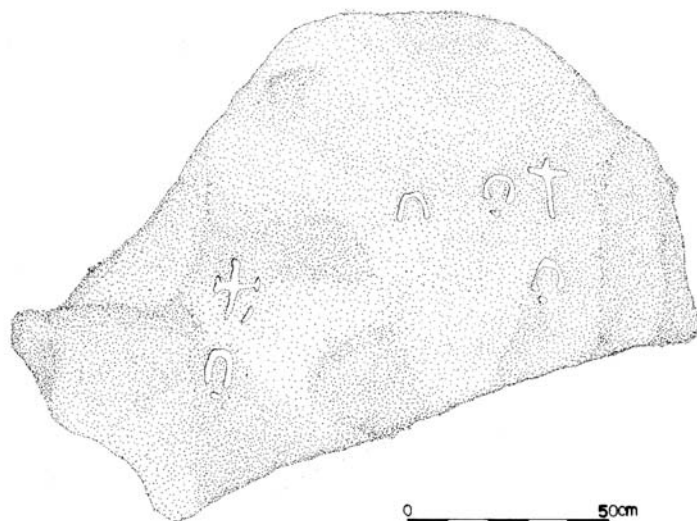


Fig. 5 - Pannel Norte 1, Rocha 1

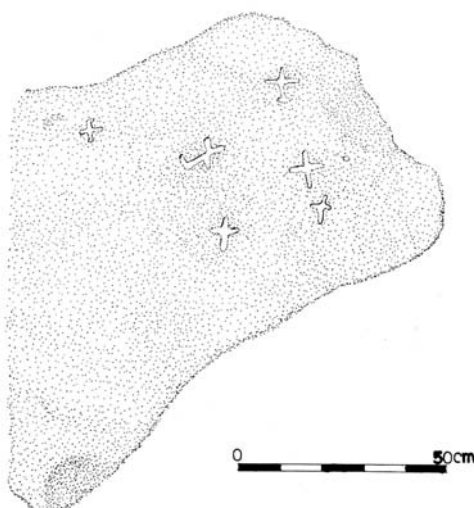


Fig. 6 - Pannel Norte 2, Rocha 1

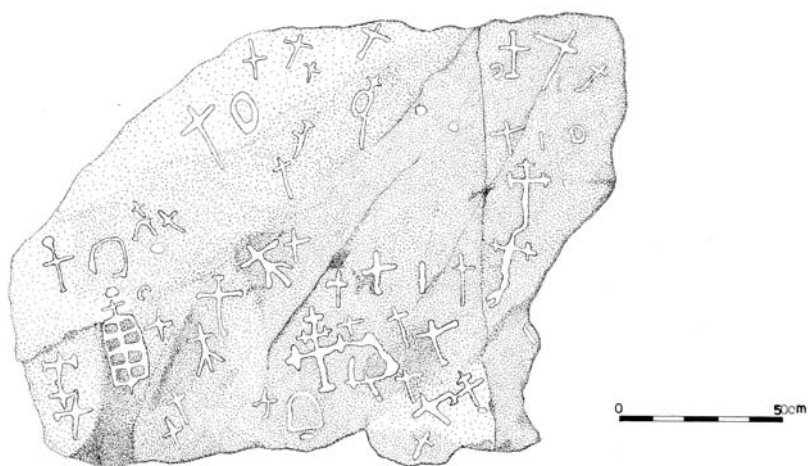


Fig. 7 - Pannel Lateral Nascente, Rocha 1

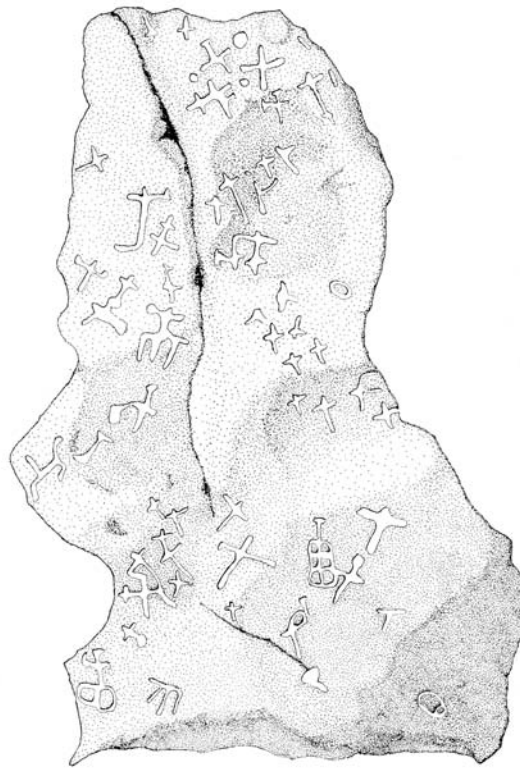


Fig. 8 - Painel Horizontal, Rocha 1



Fig. 9 - Painel Vertical Interior, Rocha 1

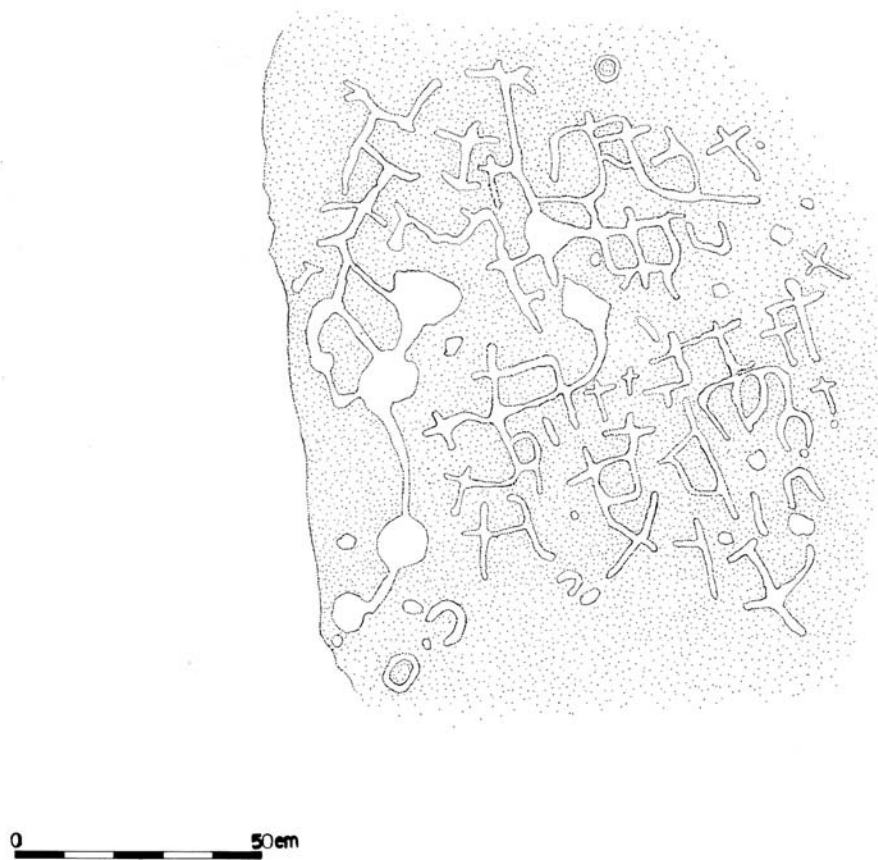


Fig. 10 - Pannel Horizontal Interior, Rocha 1

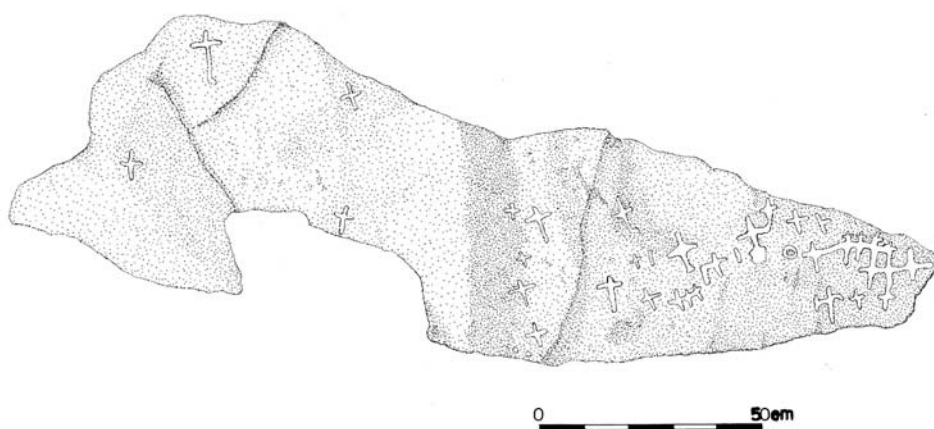


Fig. 11 - Pannel Lateral Superior Sul, Rocha 1

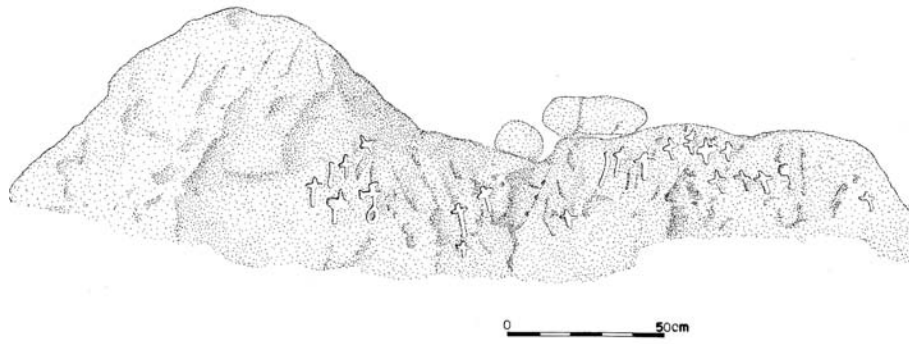


Fig. 12 - Painel Lateral Inferior Sul, Rocha 1

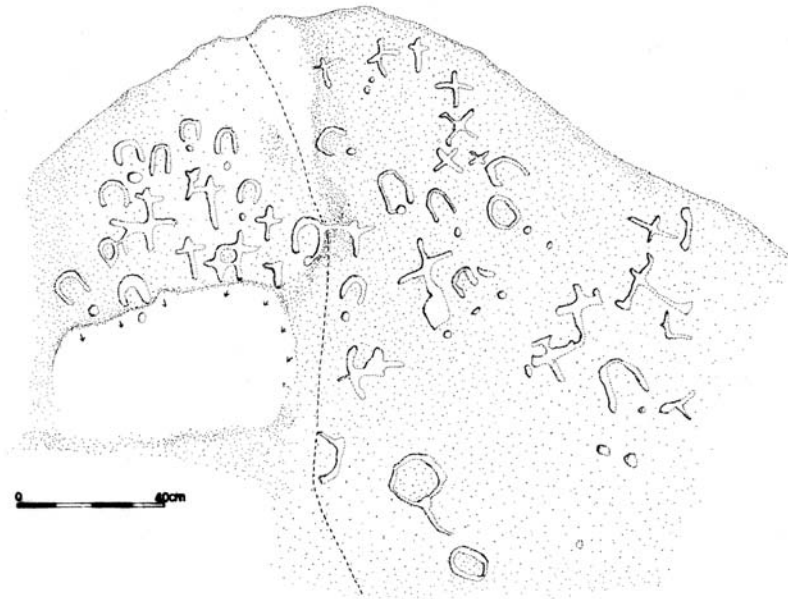


Fig. 13 - Painel Lateral Poente Inferior, Rocha 1

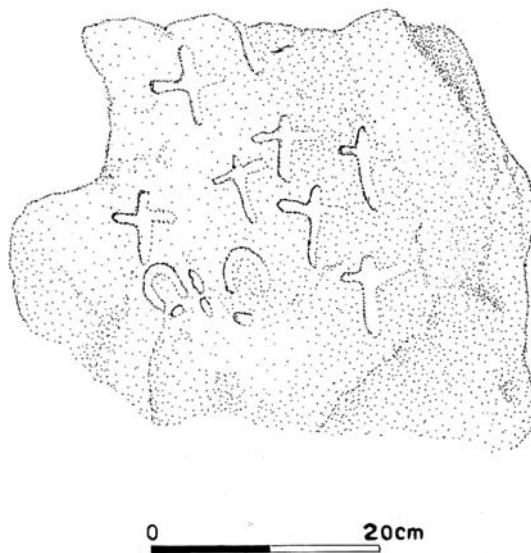


Fig. 14 - Painel Lateral Poente Inferior, Rocha 1

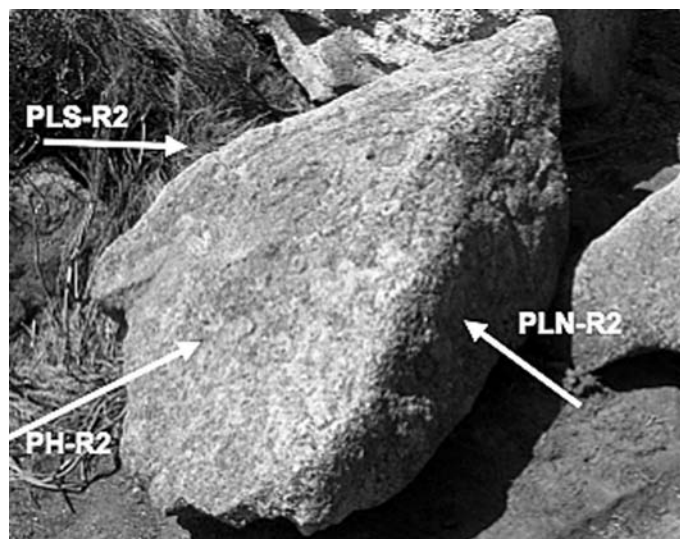


Fig. 15 - Distribuição dos Painéis gravados na Rocha 2

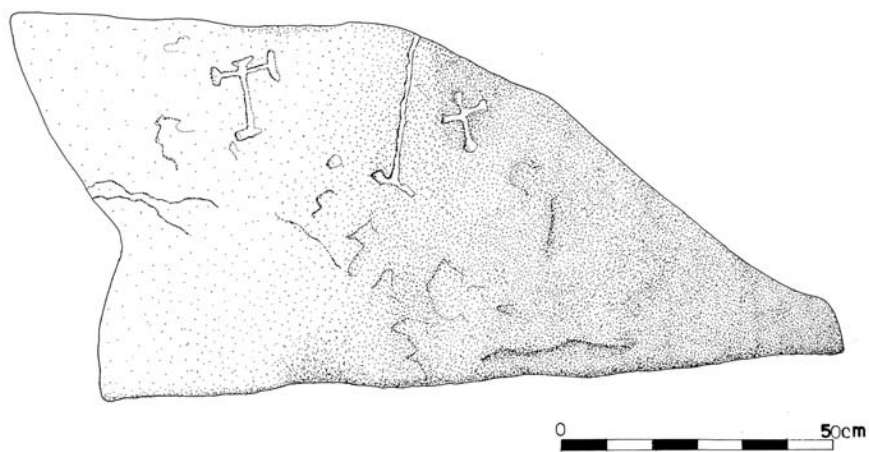


Fig. 16 - Painel Lateral Sul, Rocha 2

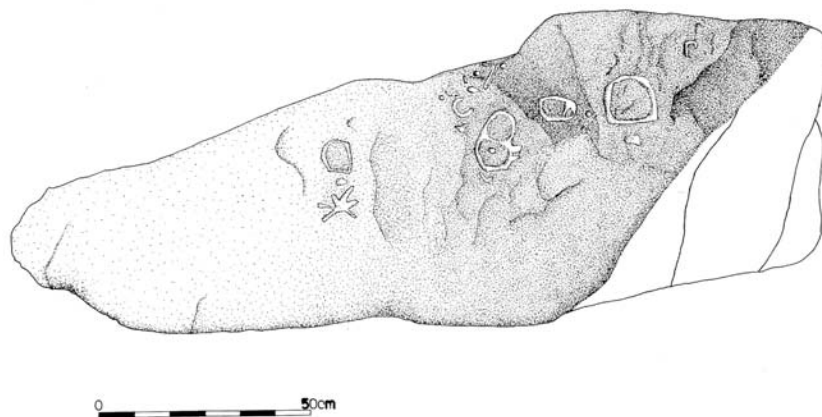


Fig. 17 - Painel Lateral Norte, Rocha 2



Fig. 18 - Painel Horizontal, Rocha 2

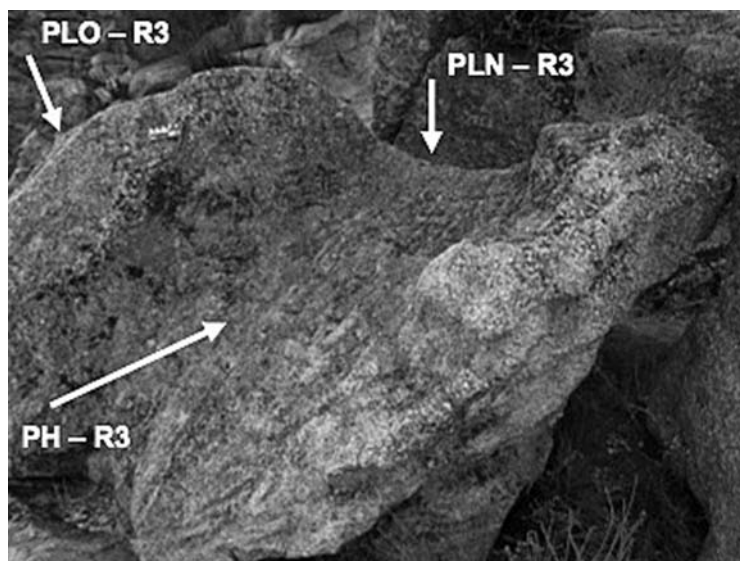


Fig. 19 - Distribuição dos Painéis na Rocha 3

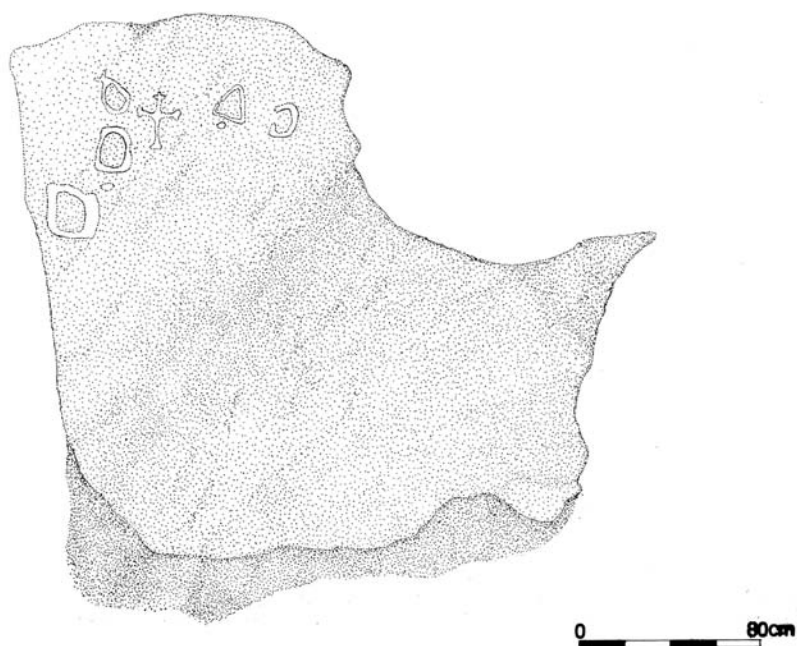


Fig. 20 - Painel Lateral Oeste, Rocha 3

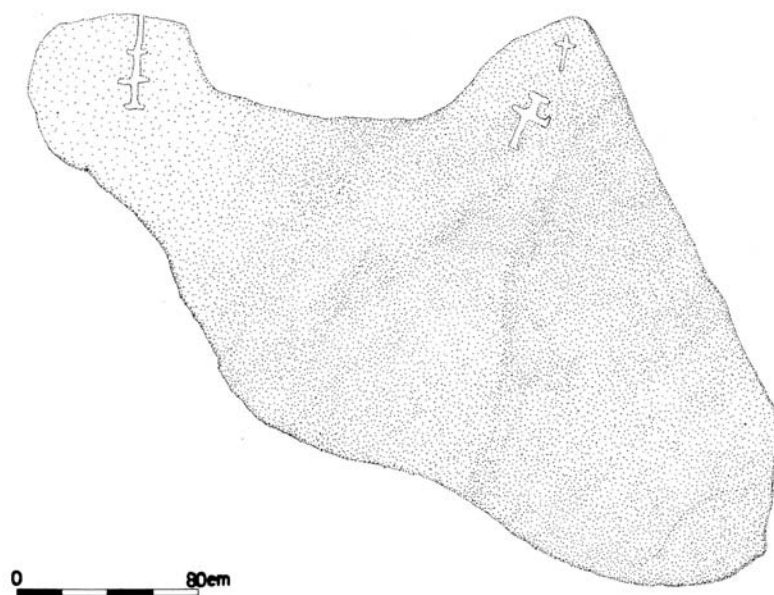


Fig. 21 - Painel Lateral Norte, Rocha 3

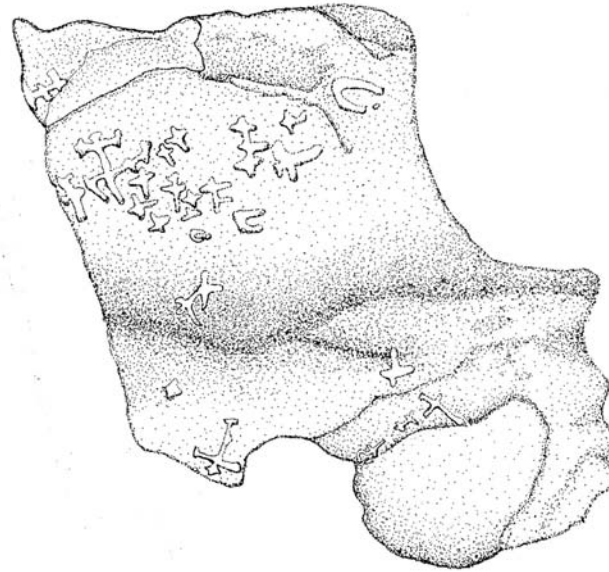


Fig. 22 - Painel Horizontal, Rocha 3

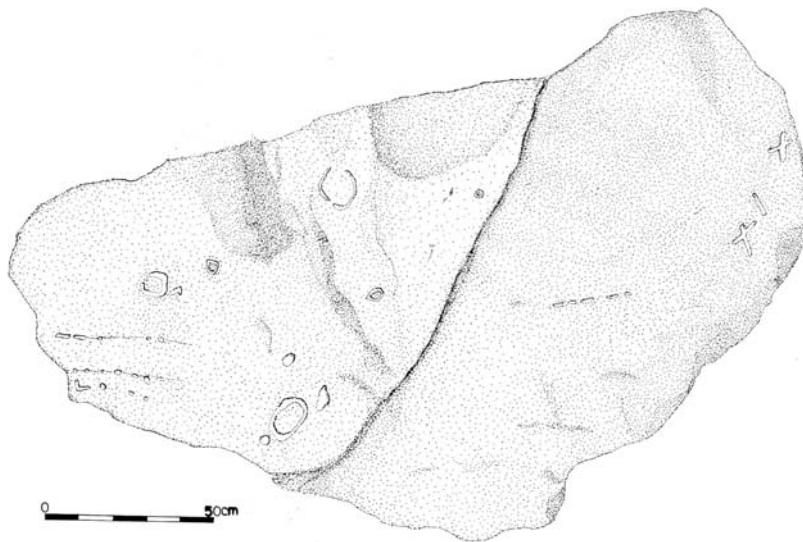


Fig. 23 - Painel Horizontal, Rocha 4

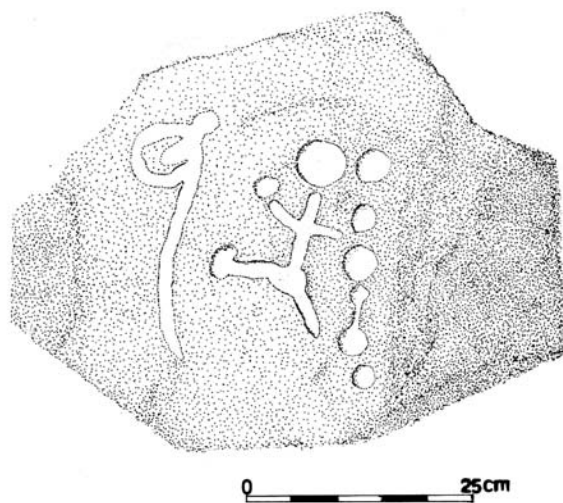


Fig. 24 - Painel Horizontal, Rocha 5



Fig. 25 - Painel Horizontal, Rocha 6

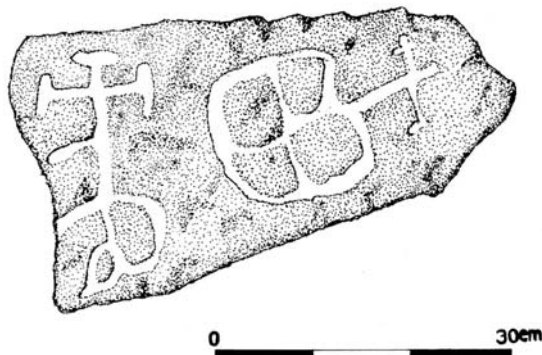


Fig. 26 - Painel Lateral Este Rocha 7

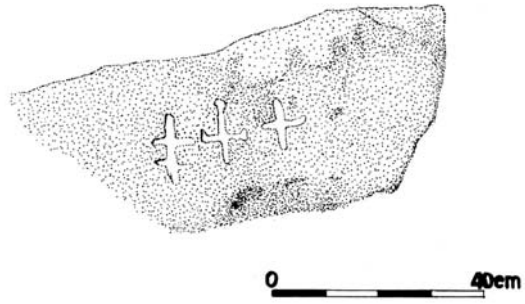


Fig. 27 - Pannel Lateral Este, Rocha 8

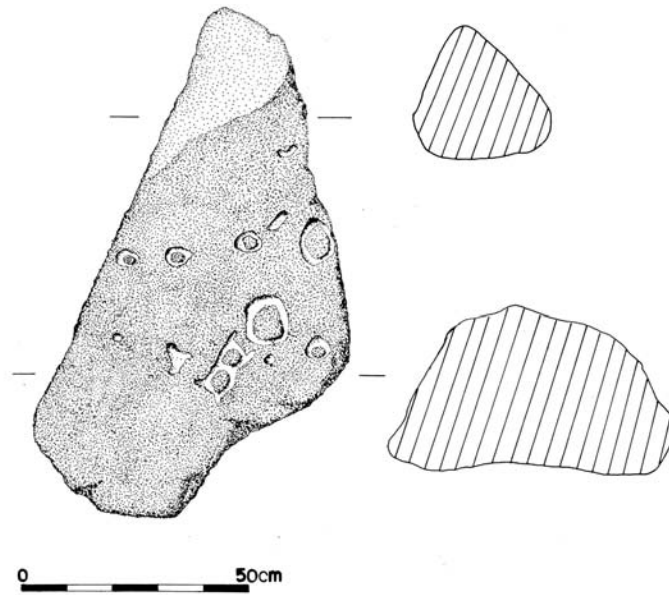


Fig. 28 - Pannel Lateral Este, Rocha 9

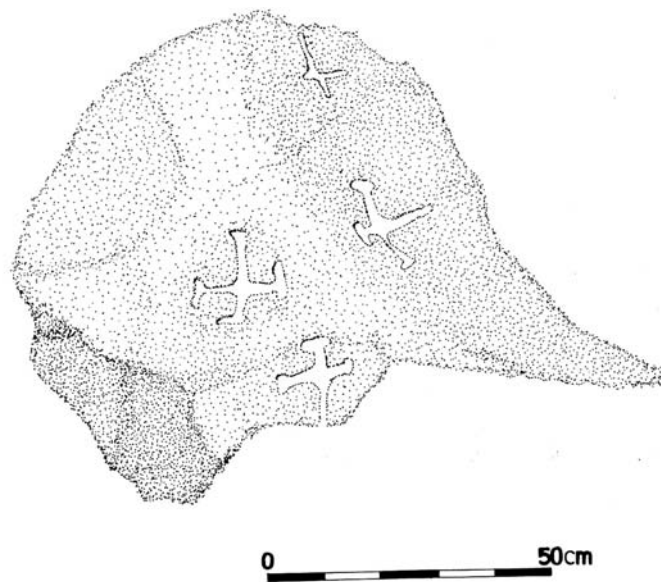


Fig. 29 - Pannel Lateral Oeste, Rocha 10

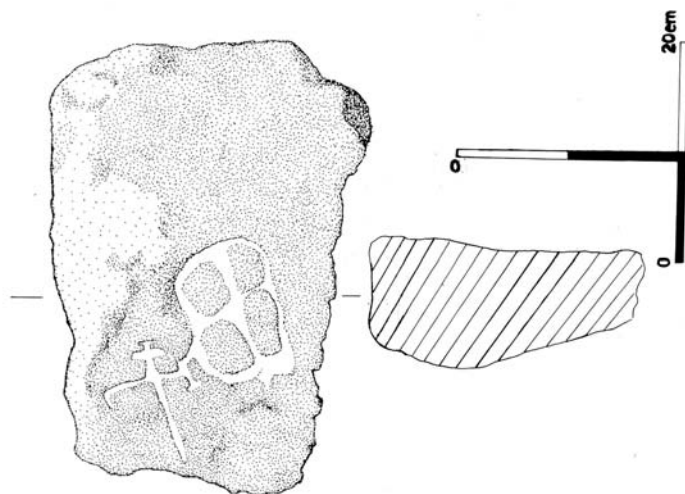


Fig. 30 - Rocha 11

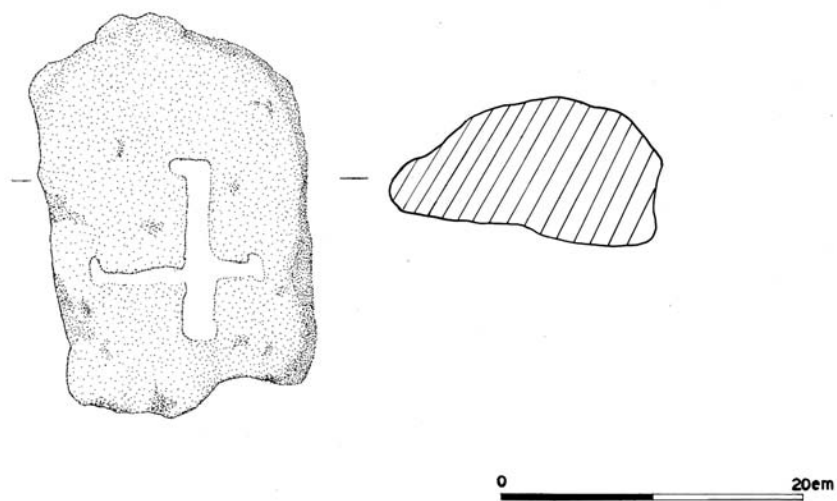


Fig. 31 - Rocha 12



Fig. 32 - Outeiro da Botelhinha visto sensivelmente de Sul



Fig. 33 - Pormenor do Painel Lateral Nascente, da Rocha 1



Fig. 34 - Pormenor do Painel Lateral Nascente, da Rocha 1



Fig. 35 - Pormenor do Painel Lateral Poente Inferior, da Rocha 1



Fig. 36 - Pormenor do Painel Horizontal da Rocha 2

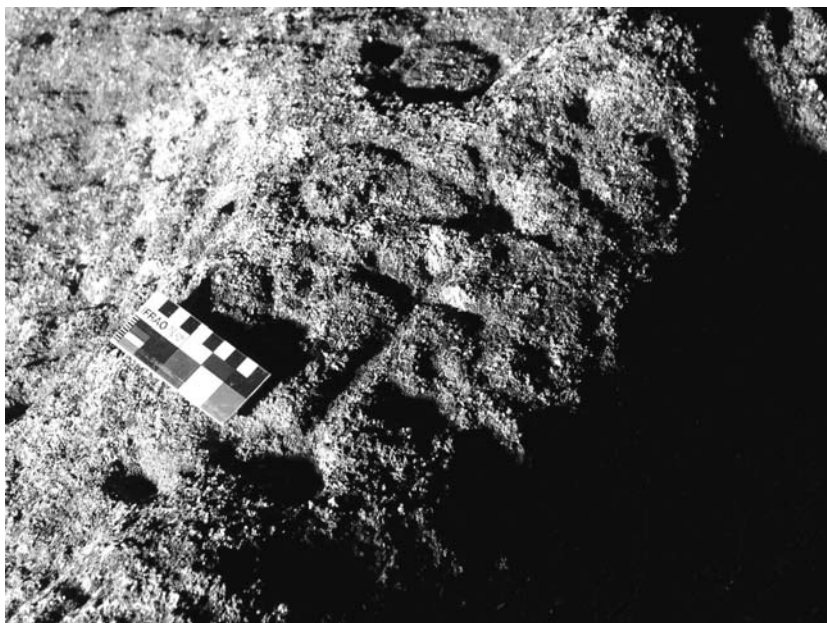


Fig. 37 - Pormenor do motivo esteliforme presente no Painel Horizontal da Rocha 2



Fig. 38 - Pormenor do Painel Horizontal da Rocha 5